

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Ligia Sayão Lobato Coppetti

Constituição das Identidades Docentes  
no curso de Licenciatura em Música  
EAD/UFRGS

Porto Alegre  
2. Semestre  
2009

Ligia Maria Sayão Lobato de Coppetti

Constituição das Identidades Docentes  
no curso de Licenciatura em Música  
EAD/UFRGS

Trabalho de Conclusão do Curso de  
Especialização em Educação, Sexualidade  
e Relações de Gênero, do Programa de  
Pós- Graduação em Educação do Grupo de  
Estudos de Educação e Relações de Gênero  
(GEERGE) da Faculdade de Educação da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.  
Orientadora:  
Profa. Dra. Rosangela Rodrigues Soares

Porto Alegre  
2009

Agradeço à meu pai pelo exemplo de profissional humano, dedicado e por sua amizade, à minha mãe pelo incentivo, à meu marido e às nossas duas filhas pelo apoio, carinho, paciência e parceira e à minha orientadora pelo estímulo constante nesta caminhada.

## RESUMO

Este estudo objetivou uma análise a respeito da constituição de identidades docentes tendo como cenário a cibercultura, em especial, a cultura da Educação à Distância. Foi escolhido como seu objeto de estudo o Ambiente Virtual de Aprendizagem - Moodle - nas atividades desenvolvidas no curso de Licenciatura em Música, modalidade à Distância da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A metodologia utilizada foi a observação empírica das interações nesse ambiente, através das falas postadas em três seções de um fórum em uma de suas disciplinas iniciais. A seleção dessas falas foi de maneira intencional, buscando referências ao tema proposto. Posteriormente à coleta foi realizada a análise cultural dos dados levantados. Os principais aspectos levantados referem-se a características de uma identidade docente tradicional, confirmando uma identidade docente hegemônica no grupo estudado, ou seja, a manutenção de aspectos relacionados à questão de gênero na sua constituição. A identidade docente atual parece ainda manter a feminilização da docência. Mesmo em um ambiente com um potencial para propiciar a ampliação de possibilidades identitárias, pelas marcas impressas na/pela cultura, a hegemonia se mantém. Ou seja, instituir um novo paradigma educacional, uma nova identidade docente apenas com o uso das Novas Tecnologias parece ser insuficiente.

Palavras - chave: identidade docente- gênero – cibercultura - ambiente virtual de aprendizagem.

## SUMÁRIO

RESUMO.....	4
INTRODUÇÃO.....	6
1. CIBERCULTURA.....	9
1. 1 CIBERCULTURA E EDUCAÇÃO.....	12
1. 2 AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM.....	13
1. 3 MOODLE.....	17
1. 4 LICENCIATURA EM MÚSICA EAD UFRGS.....	19
2. ALGUNS ASPECTOS SOBRE A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES.....	22
2. 1 IDENTIDADES NA CIBERCULTURA.....	25
2. 2 IDENTIDADES DAS/DOS DOCENTES.....	28
2. 3 REFLEXÕES SOBRE AS IDENTIDADES DAS/DOS DOCENTES NA EAD.....	34
3. CONSTITUIÇÃO DAS IDENTIDADES DOCENTES NA EAD.....	37
4. CONSIDERAÇÕES.....	44
5. REFERENCIAS.....	47
6. ANEXOS.....	51
6.1 IMAGENS DO AVA.....	52
6. 2 SELEÇÃO DAS FALAS .....	54
6. 3 TERMO DE CONSENTIMENTO.....	62

## INTRODUÇÃO

A raiz do interesse em desenvolver este trabalho surgiu do envolvimento com atividades acadêmicas, com o conhecimento e o uso das **Novas Tecnologias de Informação e de Comunicação (TICs)**. Essas atividades despertaram minha atenção quanto à necessidade do/a professor/a se utilizar delas, com o objetivo de envolver mais efetivamente o/a aluno/a no seu processo educacional, tornando-se comprometido/a, um sujeito ativo na sua formação identitária e de seus conhecimentos.

Tomo como ponto de partida o aspecto sócio-histórico-cultural, como base na construção contínua de identidade de cada um, identidade esta vista como múltipla, incompleta, temporal, que influencia e é influenciada pelo outro na interação. Este processo que se desenvolve a partir de linguagens, se utiliza de estímulos, incentivos, restrições, críticas, proibição de determinadas atitudes, posicionamentos não considerados “normais”, onde um “modelo” heteronormativo é esperado, construído e fielmente incorporado e seguido pela grande maioria das pessoas. Sendo este modelo, então, introjetado o campo de autonomia do sujeito fica restrito.

Pensando então desse modo, isto é, acreditando na possibilidade de oferecer um espaço para que mais vozes se tornem ativas dentro de um ambiente educacional, ressalto a importância de tirarmos proveito das TICs (Tecnologias da Informação e da Comunicação) na sala de aula virtual. O/a professor/a poderá, então, auxiliar o/a aluno/a, a partir do momento em que oferece um espaço de possibilidades, tornando-se um/a facilitador/a, para que ele próprio possa construir-se e a seu conhecimento.

Partilho das idéias de estudiosos/as e profissionais da educação como KENSKI, Vani, PALLOF & PRATT, LÉVY, Pierre, MORAES, Maria Cândida e outros/as, que valorizam o/a professor/a que utiliza os Ambientes Virtuais de Aprendizagem como um desses espaços possibilitadores de crescimento, que entende o estímulo à autonomia como sua base pedagógica, que problematiza e busca reverter o padrão heteronormativo social de sujeição, que ainda persiste em nossa sociedade.

Entendo que não podemos enquanto professores/as, nos distanciar da nova realidade que já se instaurou entre nós. Artefatos da cibercultura, no caso o AVA, com sua estrutura de pensamento, linguagem, de funcionamento passam a ser de uso crescente principalmente entre os jovens (naturais no seu cotidiano), e hoje também entre os adultos.

E partilho da relevância da idéia de que professores/as devem ser (re) formados/as para que saibam tirar proveito destas novas ferramentas, para transmitir não só conceitos, mas principalmente vivências de colaboração, cooperação, sentido de grupo, interação, troca, respeito e, principalmente, desenvolvimento de autonomia.

Por tanto, parece-me essencial antes pensar, refletir e problematizar, sobre os “modos” como os/as professores/as estão sendo formados/as; sobre as identidades docentes que estão sendo (re) criadas, em nome de uma nova pedagogia, de um novo paradigma, dito transformador. Vários são os questionamentos que levanto a esse respeito. Que critérios estarão sendo levados em conta nesse processo? Através de que linguagens estarão sendo transmitidos? Haverá autonomia nas formações de identidade docente ou apenas uma repetição de padrões anteriormente estabelecidos? Em que medida um novo ambiente de aprendizagem (virtual) traz consigo um novo paradigma educacional, principalmente na formação de professores? De que maneira as ferramentas disponibilizadas pela Educação à Distância colaboram (ou não) na formação de identidade docente desses/as professores/as? De que identidades docentes estamos falando?

Ao pensar no envolvimento do/a professor/a e do/a aluno/a neste processo identitário, proponho um estudo, no contexto da cibercultura, sobre a formação de identidade docente: nela, através dela e, apesar dela. Meu foco é o/a professor/a, que é também aluno/a neste momento, e que busca uma maior qualificação enquanto professor/a.

E a pergunta principal que norteia esse estudo é:

*“O ambiente virtual de aprendizagem estaria favorecendo através de um novo paradigma educacional, na formação de professores/as, a construção de novas identidades docentes e/ou reforçando as representações hegemônicas da nossa sociedade sobre a docência?”*

Seguida de outra questão complementar:

*“Como estão sendo constituídas estas identidades neste ambiente?”*

Digo isso porque os sujeitos participantes desta pesquisa são professores já atuantes em sua área, realizando agora a sua formação universitária. Esse trabalho se desenvolverá a partir de observação e análise cultural da interação, através das falas do fórum do Ambiente Virtual de Aprendizagem Moodle, da turma A de alunas da cidade de Cachoeirinha, do curso de Licenciatura em Música, na modalidade EAD (Educação à Distância) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Esse é o convite que faço na direção desse trabalho que se inicia, com propensão de ir adiante, aprofundando, refletindo, problematizando, divulgando estas idéias-sementes que lanço mais uma vez em um campo onde me encontro envolvida, que é Educação para a vida, que se utiliza de artefatos da própria vida. Pensar o social a partir do social, ampliando assim as possibilidades de refazê-lo.

## CIBERCULTURA

A cibercultura tem suas raízes no século XIX com o surgimento do telégrafo, rádio, telefone, cinema, mas se define como tal a partir do século XX com o uso do computador pessoal, a microeletrônica de massa e as redes telemáticas. É essa sinergia que vai marcar a cultura contemporânea, uma revolução digital que resulta da fusão das telecomunicações analógicas com a informática. A circulação de informações não obedece mais a hierarquia na direção um - todos, mas a hierarquia todos - todos. Há agora uma maior possibilidade de interatividade e de descentralização da informação.

Para entender a cibercultura a princípio devem ser levados em conta dois aspectos: 1) o crescimento do ciberespaço é resultado de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar coletivamente formas de comunicação diferentes das clássicas que a mídia vinha propondo; 2) na abertura de um novo espaço, cabe a nós explorar as potencialidades mais positivas dele nos planos econômico, político, cultural e humano.

Cibercultura é entendida como um novo estilo de cultura tecnológica, como uma busca de solução para o conflito entre sujeito e objeto, entre a tecnologia que escraviza e o social que reage. A cibercultura passa a ser vista como um resultado desse processo. É necessário, porém, uma atenção constante para não sucumbir a um academicismo pessimista que a isola pela rejeição ou a um otimismo extremo que a "endeusa" como algo perfeito, completa em si mesma. O importante é reconhecer as mudanças provocadas por um novo ambiente que mostra-se na vida social e cultural de todos nós. Somente assim essas novas tecnologias estarão em uma perspectiva humanista.

Albert Einstein, nos anos 50, assinalou que durante o século XX três "bombas" haviam explodido: a demográfica, a atômica e a das telecomunicações. Para melhor lidarmos com o crescimento demográfico, Lévy (2007) aponta duas soluções: a guerra ou a exaltação do indivíduo, tecendo relações entre idades, sexos, nações e culturas, em meio a diferenças. Mais tarde, Roy Ascott chamou a "bomba" das telecomunicações de "segundo dilúvio", o das informações. As telecomunicações gerariam esse "dilúvio", pela grande quantidade de informações disponíveis que se multiplica nos bancos de dados, nos hipertextos, nas redes. As telecomunicações seriam então, o meio que possibilitaria o reconhecimento do outro, a aceitação, a ajuda mútua, cooperação, associação, negociação, além das diferenças dos pontos de vista e de interesse.

Dentro desse quadro é importante distinguir dois termos nesse momento:

cibercultura e ciberespaço. O primeiro pode ser entendido como um conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), práticas, atitudes, modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. Esse último é um novo meio de comunicação (em rede) que surge da interconexão mundial de computadores, inclui as pessoas que aí navegam e as informações que aí circulam, visando a um tipo particular de relação entre as pessoas.

A cibercultura, como hipótese, traz uma nova universalidade que se constrói e estende-se por meio da interconexão de mensagens entre si, por meio de sua vinculação permanente com as comunidades virtuais em criação, que lhe dão sentidos variados em uma renovação constante.

Quanto mais o ciberespaço se amplia, mais ele se torna universal, aceitando todos os conteúdos, colocando uns em contato com os outros. Cada novo nó da rede pode tornar-se produtor ou emissor de novas informações, sendo a interconexão imprevisível e a reorganização da conectividade global permanente. Esse sistema de desordem, Lévy (2007) chama de "universal sem totalidade", e constitui a essência paradoxal da cibercultura.

No plano técnico, promotores de sistemas operacionais (Windows, Unix, Mac OS), de linguagem de programação (C ou Java), de programas aplicativos (Word, Netscape) esperam que seus produtos se tornem padrões, os mais utilizados no mundo. A tendência é de que todos os sistemas continuem a progredir rumo à integração, interconexão, interdependência e universalidade. Esse desenvolvimento do digital, sistematizante e universalizante, está também a serviço de outros aspectos tecno-sociais que levam à integração mundial: finanças, comércio, pesquisa científica, mídias, transporte, produção industrial, etc.

Instaura-se o sentido universal não totalizável, onde diferentes pessoas em diferentes lugares do mundo estão imersas num mesmo universo de comunicação. Cada conexão traz a heterogeneidade, novas informações e novas linhas de fuga- é a inteligência coletiva. Há participação intensa da humanidade, há multiplicação de singularidades. É o verdadeiro universal, porque não se confunde mais com uma dilatação do local nem com a exportação forçada dos produtos de uma determinada cultura. O ciberespaço exprime a diversidade do humano. A multiplicidade das culturas, dos pontos de vista e das legitimidades é acentuada e encorajada na cibercultura.

O crescimento do ciberespaço corresponde ao desejo de uma comunicação recíproca e de uma inteligência coletiva. É uma infra-estrutura de comunicação investida

por uma corrente cultural que transforma seu significado social e estimula, ao mesmo tempo, sua evolução técnica e organizacional. A informática pessoal teve como motor um movimento social que buscou a apropriação pelos indivíduos de uma potência técnica, antes utilizada apenas por grandes instituições burocráticas. Por volta da década de 80 a juventude metropolitana culta explorou e construiu um espaço de encontro, compartilhamento e criação coletiva. Além da internet, redes independentes e empresas, associações, universidades, alimentaram e constituíram o ciberespaço. O movimento social é que passa a inventar o verdadeiro uso do computador pessoal: prática de comunicação interativa, recíproca, comunitária e intercomunitária. No ciberespaço como horizonte de um mundo virtual vivo, heterogêneo, intotalizável, é onde cada ser humano pode participar e contribuir.

Três princípios orientam o crescimento do ciberespaço: a interconexão, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva. Quanto à interconexão, Cristian Huitema (1996) assim define: "cada computador do planeta, cada aparelho, cada máquina, do automóvel a torradeira, deve possuir um endereço na internet". Ou seja, a interconexão hoje é inevitável, é uma realidade crescente no cotidiano. Os meios de comunicação não se localizam no espaço, mas o espaço é que se torna um canal interativo. O próprio espaço passa a ser envolvente. A partir da interconexão é que são construídas as comunidades virtuais, sobre afinidades de interesse, compartilhamento de conhecimentos, de projetos, através da colaboração, cooperação, trocas, independente da localização geográfica, filiação institucional de cada membro participante. Dentro dessas relações on-line as emoções, a responsabilidade individual, a opinião pública, o julgamento estão presentes e, os encontros presenciais ocorrem agora como um complemento. Há o desenvolvimento de uma série de leis e de uma forte moral social, a "netiqueta". A moral implícita é, em geral, de reciprocidade e o desrespeito pode ser causa de exclusão pelos administradores da comunidade. O terceiro princípio, a inteligência coletiva, aparece como causa da constituição de comunidades virtuais. O desejo de indivíduos associarem saberes, imaginação, informações, a fim de produzir e de compartilhar sentidos, seria, de acordo com Lévy (2007), o modo de realização da humanidade que a rede digital universal favorece, sem que saibamos a priori a direção dos resultados.

A partir de agora passo a focar a educação nos domínios da cibercultura, no ciberespaço, apresentando alguns aspectos da sua estrutura, os efeitos da interconexão, uma nova relação com o saber que se apresenta e uma nova pedagogia conseqüente.

## 2.1 CIBERCULTURA E EDUCAÇÃO

Essa discussão se inicia com uma reflexão sobre o futuro dos sistemas de educação e de formação na cibercultura, sobre a velocidade de surgimento e de renovação dos saberes. Pela primeira vez na história, a maioria das competências adquiridas no início da formação profissional é obsoleta no seu final. Trabalhar hoje significa aprender, transmitir saberes e produzir conhecimentos.

Através do ciberespaço as tecnologias intelectuais amplificam, exteriorizam e modificam funções cognitivas humanas como a memória (através dos bancos de dados, hiperdocumentos, arquivos digitais), a imaginação (pelas simulações), a percepção (pelos sensores digitais, tele presença, realidades virtuais), o raciocínio (através da inteligência artificial). Elas possibilitam novas formas de acesso a informação e novos estilos de raciocínio e de conhecimento.

O aprendizado não é mais planejado, nem definido com precisão e antecedência. Espaços de conhecimento são agora emergentes, abertos, contínuos, em fluxo, não lineares, reorganizam-se de acordo com objetivos e/ ou contextos. Cada indivíduo tem sua posição própria, em evolução permanente.

Nesse contexto surge a educação à distância, com uma pedagogia que favorece aprendizagens personalizadas e a aprendizagem coletiva em rede. O/A professor/a agora tem como função principal o incentivo à inteligência coletiva de seus/as alunos/as e o reconhecimento das experiências individuais, incluindo os saberes não acadêmicos. O "todo" não pode ser acessado, cada um o reconstrói de forma parcial e a seu modo, com seus próprios critérios.

A relação com o saber hoje inclui a navegação, o que implica na capacidade de "enfrentar ondas, redemoinhos, correntes e ventos contrários em uma extensão ampla, sem fronteiras e em constante mudança" (Lévy. 2007). O saber passa a ser concreto e visível e seu portador é o ciberespaço. Os bancos de dados de imagens, as simulações interativas e as conferências eletrônicas são ferramentas auxiliares na construção de conhecimento.

A interconexão em tempo real resulta em desorientação, em um saber não totalizado, que flutua. Por outro lado ela possibilita os processos de inteligência coletiva nas comunidades virtuais. Um importante aspecto a ser levado em conta em qualquer política de educação é que com o ciberespaço emergem novos gêneros de conhecimento, novos critérios de avaliação para orientar o saber, novos atores na produção e tratamento

dos conhecimentos.

Com o aumento do número de pessoas que buscam o ensino à distância, é necessário o aumento também do número de professores preparados e de soluções que ampliem o espaço pedagógico: utilização de audiovisual, multimídia interativa, ensino assistido por computador, televisão educativa, a cabo, técnicas de ensino à distância, etc. Há necessidade de uma profunda mudança na qualificação dos cursos de formação de professores. Cada vez menos os indivíduos toleram seguir cursos uniformes, rígidos, que não correspondam às suas necessidades reais e às especificidades de seu projeto de vida. Cada vez mais ensino "presencial" e à "distância" apresentam menos distinções, ambos se utilizando das redes de comunicação e dos suportes da multimídia interativos. A mudança está no estabelecimento de novos paradigmas de aquisição de conhecimentos e de constituição de saberes. Na aprendizagem cooperativa assistida por computador, professor/a e aluno/a compartilham recursos materiais e informacionais, aprendem e atualizam seus saberes e competências pedagógicas ao mesmo tempo. A função do/a professor/a passa a ser a de incentivar, acompanhar e gestar a aprendizagem e o pensamento, mobilizando a iniciativa, a cooperação, a colaboração. Trata-se de acompanhar uma mudança de civilização que questiona as instituições, mentalidades, a cultura dos sistemas educacionais tradicionais e os papéis de professor/a e de aluno/a. Trata-se de valorizar os contextos informais, na vida social e profissional, que também transmitem saberes que devem ser reconhecidos e validados por fazerem parte da qualificação dos indivíduos.

A partir de agora serão apresentados alguns aspectos da infra-estrutura dos ambientes virtuais de aprendizagem, incluindo suas características, condições básicas e possibilidade de utilização para um aprendizado mais efetivo.

## 2. 2 AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM

Ambientes virtuais de aprendizagem, comunidades virtuais de aprendizagem, ambientes de aprendizagem on-line, software de aprendizagem colaborativa, são sistemas que reproduzem a sala de aula presencial para o meio on-line com o uso da tecnologia para oferecer novas ferramentas que facilitem a aprendizagem. Neles é encorajada a colaboração, a pesquisa, o compartilhamento e reuso dos recursos.

De acordo com Palloff e Pratt (Kenski, 2004) as comunidades virtuais de

aprendizagem nascem da necessidade de satisfazer algumas condições como:

- objetivos comuns a todos os membros
- centralização dos resultados a serem alcançados
- igualdade de direito e de participação para todos os membros
- definição em comum de normas, valores e comportamentos na comunidade
- trabalho em equipe
- professores/as que assumam o papel de orientadores/as e animadores/as da comunidade
- aprendizagem colaborativa
- criação ativa de conhecimentos e significados de acordo com o tema de interesse na comunidade
- interação permanente

Há três possibilidades de integração virtual das pessoas no interior da comunidade: a interação, a cooperação e a colaboração on-line. Na interação usuários de diferentes regiões geográficas atuam com o auxílio da escrita, de sons, imagens, vídeos, e de outras redes. Há a possibilidade de partilhar informações e manipular objetos no ambiente. Para que seja possível haver cooperação foi criada uma tecnologia para gerar sistemas, chamada groupware, um sistema baseado em computador que suporta grupos e pessoas engajadas em uma tarefa comum (ou um ideal), fornecendo uma interface para um ambiente compartilhado. Nesses trabalhos é permitido às pessoas ver, ouvir e enviar mensagens umas às outras, ao mesmo tempo ou em tempos diferentes, utilizando as mesmas bases de informação. Colaboração pressupõe a realização de tarefas coletivas, a tarefa de um complementa a de outros. Essa interdependência exige aprendizados complexos de interação permanente, respeito ao pensamento alheio, superação das diferenças e busca de resultados que possam beneficiar a todos. Cada membro é responsável pelo desenvolvimento do grupo com quem está conectado. A participação de professores/as e de alunos/as é ativa e de interação. "Cada um é o centro", não existe um detentor permanente do saber, mas circulação de informações e trocas. As contribuições do grupo expressam a soma das individualidades, percepções e racionalidades, que contribui para a construção de saberes que se transformam constantemente.

A modelagem de um ambiente virtual de aprendizagem, as ferramentas de comunicação disponíveis, a forma como estão distribuídas no ambiente, são fatores relevantes e mesmo determinantes para que possa haver interação. Para efetivação da aprendizagem, porém, é importante que a afetividade esteja presente no processo, que se construam vínculos que propiciem problematização, discussões entre professores/as

e alunos/as. De acordo com Maturana e Varela (1995), um grande aliado para os processos de colaboração é a necessidade de viver em grupos, que faz parte do ser humano.

Mason (2003) classifica os ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs) em três tipos: ambiente instrucionista, interativo e colaborativo. No caso do instrucionista, o ambiente é centrado no conteúdo. A interação é mínima e a participação on-line do aluno/a é praticamente individual. No interativo o ambiente é centrado na interação. A participação é essencial no curso. Há muita discussão e reflexão. No caso do ambiente cooperativo o objetivo é o trabalho colaborativo e a participação on-line. Há muita interação entre todos os participantes através de comunicação on-line, construção de pesquisas, descoberta de desafios e soluções.

Para que um AVA propicie um desenvolvimento efetivo de aprendizagem, é importante que o professor/a seja capaz de ser um/a mediador/a a distância, tendo presente o quanto ele/a deve ser interativo/a para estimular, motivar seus/as alunos/as a serem cada vez mais interativos/as. É preciso que o/a professor/a tenha intimidade com o AVA para saber o que é preciso, como utilizá-lo para que obtenha resultados positivos. É preciso que ele/a próprio tenha passado pelo processo de aprender em uma sala de aula virtual para que possa compreender as dificuldades e facilidades do/a aluno/a on-line. Não basta apenas ter a competência do conhecimento, da técnica, ser conhecedor/a de um software ou se sentir a vontade com o hardware.

Outro fator que deve ser levado em conta é a expectativa do/a aluno/a que busca um curso presencial ou em EAD (educação à distância), que se utiliza de um AVA no seu desenvolvimento. Embora busque um aprendizado dinâmico, interativo, ele/a muitas vezes não está preparado para ser um/a aluno/a virtual e sente dificuldade de trabalhar em grupo. Azevedo (2009) lembra que a sociedade hoje requer indivíduos que saibam construir um aprendizado em grupo, ensinando, respondendo, perguntando, combinando competências entre seus integrantes. São novos desafios que requerem esforço, mas que quando superado tornam o grupo mais capaz de gerar alternativas, levantar vantagens e desvantagens, selecionar as mais viáveis e, depois então, tomar as melhores decisões.

Em um AVA existem normas que surgem à medida que se desenvolve o processo de aprendizagem. O grupo discute questões como franqueza, honestidade, segurança, objetivos, valores, estilos de comunicação, responsabilidades, nível de participação, direitos, deveres dos participantes. Esses acordos tornam o ambiente um espaço seguro e coeso, o que facilita a expressão de sentimentos e pensamentos entre os participantes.

Importante também salientar as questões de ética e de privacidade, considerando que é um ambiente público, aberto a todo o grupo participante. A vulnerabilidade da participação nesse meio é evidente. As informações devem ser bem avaliadas antes de serem nele colocadas, para que sejam evitados problemas de desrespeito, rompimento de segurança do sistema, por uso inadequado do meio.

Sua interface apresenta as seguintes possibilidades de funções: ferramentas de gerenciamento e de gestão do ambiente (adiciona e remove atores, armazena, visualiza dados, histórico de ação dos atores), ferramentas de gestão de comunidades (criação de comunidades, adiciona recursos, mapa das interações, avaliação das comunidades), ferramenta de autoria (criação e importação de informações, armazenamento de dados, consulta de dados, recursos multimídia, criação de páginas, biblioteca), ferramentas de área individual (webfólio, diário, agenda, banco de arquivos), ferramentas de área da comunidade (webfólio coletivo, banco de projetos, banco de desafios, criação de oficinas para resolução de desafios, trabalho de campo), ferramentas de apoio (busca rápida, compilador de texto de um fórum, calendário, agenda, fale conosco individual, FAQ – informações sobre o ambiente), ferramentas de interação síncrona (chat, videoconferência), ferramentas de interação assíncrona (correio, lista de discussão, fórum de discussão, mural, glossário, troca de arquivos), ferramentas de avaliação (autoria cooperativa de formas de avaliação, auto-avaliação, avaliação do grupo, avaliação do/a professor/a, histórico qualitativo e quantitativo).

A avaliação formativa nesse ambiente tem seu foco no desenvolvimento sócio-cognitivo do/a aluno/a, acompanhando seu processo de aprendizagem, analisando qualitativamente suas interações e intervenções. Ela ajuda o/a professor/a a saber até que ponto foi facilitada a reflexão da matéria, do ambiente e de si mesmo por parte dos/as alunos/as. Possibilita também que o/a professor/a modifique o rumo de seu curso, quando e se necessário for. Quando o curso estiver terminando é realizada uma avaliação final que visa a conhecer a satisfação do/a aluno/a com o curso e com o/a professor/a. Essa avaliação ajuda a saber se os objetivos e os resultados projetados foram alcançados. Se o/a professor/a estiver implantando um processo colaborativo e transformador de aprendizagem, as duas modalidades de avaliação são necessárias por serem complementares.

Alunos/as e professores/as apresentam algumas dificuldades em relação à utilização de práticas mediadas pela tecnologia. Os/As alunos/as encontram dificuldade em relação à autoria, colaboração e autonomia. É fundamental exercitar a leitura, escrita,

a construção coletiva, o respeito às diferenças, aspectos esses que não são priorizados na formação educacional tradicional. Quanto aos/as professores/as, a tendência é de que as práticas presenciais sejam transpostas para o ambiente on-line, como uma atividade geralmente instrucionista. Por outro lado, alguns desses profissionais apresentam uma descrença nas possibilidades pedagógicas de um AVA, apenas o utilizando por pressão institucional. Logo, é importante que ambos/as, professor/a e aluno/a, estejam em constante processo de formação tecno-pedagógica.

No próximo item será apresentado o objeto de estudo deste trabalho, o ambiente virtual de aprendizagem Moodle, aspectos de seu histórico, características e possibilidades de aprendizagem através de seu uso.

### 2.3 MOODLE

Martin Dougiamas, australiano, graduado em Ciência da Computação, com Mestrado e Doutorado na Educação, criou o Moodle a partir de dois ideais: o acesso irrestrito à educação e o ensino enriquecido (empowered teaching).

Moodle (Modular Object Oriented – Dynamic Learning Environment) é um Ambiente Virtual de Educação, chamado de Learning Management System (LMS) ou Course Management System (CMS), Sistema de Gerenciamento de Aprendizagem ou Sistema de Gerenciamento de Cursos, respectivamente.

O Moodle teve sua primeira versão em 1999, com base pedagógica na abordagem sócio-construtivista da educação.

Atualmente ele possui suporte para mais de 70 (setenta) idiomas e é utilizado por universidades, escolas primárias, secundárias, empresas privadas, organizações sem fins lucrativos. No Brasil ele é homologado pelo MEC como plataforma oficial para Educação à Distância, estando disponível para quaisquer instituições que desejem utilizá-lo.

O Moodle é um software livre e de código aberto, pode ser baixado, utilizado e/ou modificado por qualquer pessoa. Qualquer instituição que o utilize está colaborando com sua divulgação, seu desenvolvimento, identificando problemas, experimentando novas perspectivas pedagógicas.

Sua interface é simples, de fácil utilização para administradores, professores/as

e alunos/as, mesmo para os mais inexperientes. O/A professor/a é que vai decidir quais os novos espaços criados, de acordo com as particularidades de seus alunos/as, as necessidades de interação e comunicação, cada contexto, cada momento. Há também a possibilidade de rever as funcionalidades e alterá-las de acordo com o andamento do curso. Uma ação não inviabiliza outra, pode haver repetição ou troca de posição das funcionalidades, sempre que for julgado necessário.

As páginas do curso são divididas em três (3) colunas. Calendário, Usuário, Lista de Atividades, por exemplo, podem se localizar à esquerda ou à direita, podendo ser deslocadas, de acordo com o/a professor/a. Na coluna central é representada uma seqüência de aulas por meio de tópicos numerados ou datados semanalmente ou, através de uma criação de áreas para agrupar conteúdos ou atividades semelhantes. É o local onde o curso se desenvolverá.

A página de um curso é construída a partir de recursos e de atividades, onde os primeiros são os materiais e links disponibilizados como conteúdos para consulta pelos usuários e os segundos são as tarefas disponibilizadas que envolvem a participação dos usuários.

As atividades são ferramentas de aprendizagem. Algumas das principais disponíveis no Moodle são as seguintes: 1) Fórum: é uma ferramenta de discussão que pode ser geral, única, com classificação de cada mensagem. Podem também ser anexados arquivos, imagens; 2) Chat: permite interação em tempo real (síncrona) entre os usuários. É útil para esclarecimento de dúvidas, podendo ser agendado; 3) Wiki: possibilita a construção de um texto com vários participantes. Cada um constrói e também revisa o texto; 4) Diálogo: permite a comunicação privada entre duas pessoas. O diálogo pode ser entre dois/uas alunos/as ou entre professor/a e aluno/a; 5) Glossário: possibilita a criação de um dicionário de termos relacionados com a disciplina, base de dados de documentos, fichas, galerias, imagens e links. Cada entrada permite comentário e avaliação; 6) Questionário: permite construir inquéritos aos participantes de uma página ou do curso, inscritos ou não no sistema. É possível manter o anonimato; 7) Trabalho: permite ao/a professor/a classificar e comentar materiais submetidos pelos/as alunos/as, atividade off-line (textos, Power Point, gráfico, desenho). As notas tornam-se conhecidas pelo/a aluno/a; 8) Teste: o/a professor/a constrói uma base de dados com perguntas e respostas em diversos formatos (verdadeiro ou falso, escolha múltipla, numérica); 9) Livro: permite construir uma seqüência de páginas organizada em capítulos, sub-capítulos ou importadas para arquivos em HTML; 10) Enquete: é um conjunto de instrumentos de

consulta de opinião aos alunos do curso.

Como o objeto deste tudo é o Fórum do Moodle, destaco a sua importância no grupo:

“com formato bem aceito pelos/as alunos/as, pois além de apresentar o desencadeamento das discussões, identifica os autores das mensagens por meio de sua foto, previamente inserida no perfil. Isto gera um sentimento de vínculo entre os/as alunos/as, já que personaliza a mensagem, diminuindo a sensação de estar conversando com a máquina.” (Alves & Brito. 2005)

Embora haja a necessidade de um aumento de trabalho do/a professor/a, através da produção, lançamento de conteúdos programáticos, textos, questões, correção, publicação de comentários constantes, o número de benefícios, resultados pedagógicos positivos é comprovadamente compensador. O Moodle facilita a interação professor/a – aluno/a, a apresentação e correção de trabalhos (disponível a qualquer momento) e os/as alunos/as reconhecem melhorias na aprendizagem (organização, ritmo, expressão escrita, compreensão e assimilação da matéria).

No próximo espaço será apresentado o curso de Licenciatura em Música, modalidade EAD (Educação à Distância) – UFRGS, de onde será destacado do Fórum, um tópico a ser discutido posteriormente.

## 2.4 LICENCIATURA EM MÚSICA MODALIDADE EAD UFRGS

O trabalho que ora inicio tem como objeto de estudo o curso de Licenciatura em Música, na modalidade EAD (Educação à Distância), dentro do Programa Pró-Licenciaturas do MEC (Ministério da Educação e Cultura), com a Coordenação das Secretarias de Educação Básica (SEB) e de Educação à Distância (SEED), com o apoio e participação das Secretarias de Educação Especial (SEESP) e Educação Superior (SESu). Sua realização está sob a responsabilidade de Universidades brasileiras selecionadas pelos critérios da Resolução CD/FNDE nº 34/2005. Trata-se de um Programa de formação inicial voltado para professores/as que já atuam nos sistemas públicos de ensino, nos anos/séries finais do Ensino Fundamental e/ou no Ensino Médio e não têm habilitação legal para o exercício da função (licenciatura).

Suas aulas presenciais se desenvolvem em onze (11) pólos distribuídos em cinco (5) estados do país: Rio Grande do Sul (Cachoeirinha), Santa Catarina (Canoinhas, Itaiópolis, e São Bento do Sul), Bahia (Salvador, Cristópolis, Irecê, e São Félix.), Espírito Santo (Linhares) e Rondônia (Porto Velho, e Ariquemes), A coordenação está a cargo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com a parceria da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC); Universidade Federal do Espírito Santo (UFES); Fundação Federal de Rondônia (UNIR); Universidade Federal da Bahia (UFBA); Universidade Federal de Alagoas (UFAL); Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), de acordo com estas Instituições de Ensino Superior (IES) e seus respectivos Sistemas Públicos de Ensino (SPE).

Cada pólo conta com uma infra-estrutura específica para atender as necessidades dos/as alunos/as. Nesta infra-estrutura está incluído o espaço físico próprio para as atividades (contendo laboratório de informática com Internet, sala de teclados e sala de violões, secretaria, sala de tutoria, auditório e mídioteca), passando por uma equipe de tutores (capacitados para auxílio nas atividades acadêmicas do curso) e pessoal de suporte.

Esta edição do projeto atende 723 alunos e conta com uma equipe de um (1) coordenador geral, vinte e sete (27) professores, trinta e um (31) tutores para apoio pedagógico, cinco (5) gerentes na sede, nove (9) gerentes nos pólos, e nove (9) responsáveis pelo apoio técnico e administrativo.

O ambiente ou sala virtual que se utiliza para desenvolver suas atividades é o Moodle. Esta plataforma é que possibilita a interatividade entre os alunos, tutores, professores e equipe de apoio.

O principal objetivo deste programa é ampliar as redes de contato em favor do ensino de Artes e de Educação Física na Escola Básica, melhorando a qualidade do ensino musical nas escolas públicas brasileiras, pela ampliação de possibilidades de formação de seus professores.

Sua Proposta Pedagógica tem como objetivos específicos:

- Oferecer ao educador formação consistente e contextualizada, nos conteúdos de sua área de atuação;
- Defender princípios políticos e éticos pertinentes à profissão docente;
- Proporcionar a compreensão do educador como sujeito capaz de propor e efetivar as transformações político-pedagógicas que se impõem à escola;

- Ampliar a compreensão da escola como espaço social, sensível à história e à cultura locais;
- Desenvolver ações afirmativas de inclusão digital, viabilizando a apropriação pelos educadores das tecnologias de comunicação e informação e seus códigos;
- Estimular a construção de redes de educadores para intercâmbio de experiências, comunicação e produção coletiva de conhecimento.

Sua organização curricular é a seguinte:

- A duração total é de quatro anos e meio
- Carga horária de 2895 horas (193 créditos), assim distribuídas:
- 1440 horas em interdisciplinas teóricas e 480 horas em interdisciplinas práticas
- 405 horas em Estágios
- 210 horas em Atividades Complementares
- 270 horas no Projeto Individual Progressivo
- 90 horas no Trabalho de Conclusão de Curso

Embora com algumas dificuldades ainda sendo enfrentadas, o projeto continua a crescer. Após a fase de implementação dos primeiros pólos, a meta será investir cada vez mais na qualidade dos materiais didáticos e métodos de ensino, à medida que a rede se amplia. Aos poucos, as comunidades virtuais se fortalecem e compartilham, trocando experiências, impulsionadas pelos êxitos que começam a ser registrados.

## ALGUNS ASPECTOS SOBRE A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES

Identidade é um termo de difícil definição. Por ser muito complexo e abrangente podemos dissecá-lo, entendendo-o a partir de suas características. Identidade é compreendida com algo “não natural”. É fluida, dinâmica, instável, que se constrói, enquanto exerce influência no “outro” e apesar do “outro”, em um processo contínuo, constante e inacabado. Ela é uma produção possibilitada pelas interações, que renovam as identidades participantes. Seu pano de fundo é a cultura, cujas transformações, reatualizam as identidades de homens e mulheres.

Mudanças culturais oriundas de um ritmo acelerado nos modos de ver e de ser no trabalho, no lazer, na educação, na família, nas relações de afeto, nas religiões, na organização do Estado, etc., acabam por provocar e “forçar” o surgimento de novas identidades. A cultura instável, então, em constante transformação, tem como uma consequência a perda de “sentido de si” do sujeito. Segundo Start Hall (2006), ela é chamada de deslocamento ou descentração do sujeito. É a crise de identidade neste duplo processo de incerteza – do indivíduo e da sociedade. As antigas referências que lhe ofereciam segurança, certeza, passam a ser questionadas: a religião, as leis, a família, a educação. É necessário, então, ir à busca de novas referências ou reatualizar as antigas já postas. E neste contexto instável, frágil, inseguro, o indivíduo, sem apoio de uma estrutura sólida e firme que o ampare na organização e prática de sua vida, que as identidades vão se constituindo. A identidade incorporada neste contexto, “neste mar de incertezas sem jangadas que lhe ofereçam segurança”, se desloca, sai de “si” em busca de uma nova identidade. Buscando uma identificação, mesmo que momentânea e variável e continuamente deslocada.

Além das características citadas também a fragmentação e os aspectos contraditórios que a compõem, devem ser levados em consideração para que se entenda melhor a construção de identidade. O sujeito, que vive em sociedade, ocupa, circula por vários espaços marcando sua presença e por ela sendo marcado. Em cada um deles uma característica de sua identidade se destaca, tem centralidade, é desenvolvida e exerce influência no outro no momento em que interage e nos seus reflexos. Em cada espaço, então, o sujeito vive um fragmento de sua identidade, muitas vezes podendo haver contradição destas identidades entre si.

A identidade utiliza-se da linguagem para se constituir. Cada forma de se expressar, de se comunicar, seja através da escrita, da fala, das imagens, dos gestos, da postura corporal, percebida nas entrelinhas, no silêncio, nos chistes, é uma forma de linguagem. Cada uma delas faz parte da representação de uma cultura, de uma ideologia e, sempre trás consigo uma intenção e um grau de valoração. Cada uma destas formas de expressão, através da linguagem, está impregnada de significados, de representações culturais. E são estas últimas que constituem as identidades sociais através da cultura, utilizando os discursos na definição de “quem eu sou”, de “quem é o outro” e, de “quem deveríamos ser”. Para que as representações culturais se instaurem é preciso que haja repetição. Se uma idéia é transmitida através de várias linguagens, em várias situações, ela se consolida, recebe critério de verdade (naquele grupo, naquela cultura específica, naquele momento histórico). Por este motivo a identidade é sempre inacabada, renovada, reatualizada. Novos momentos, novas vivências, novas aprendizagens = novas identidades.

Este processo, como já foi dito, se dá através do uso da linguagem com significações imprevisíveis e resultados incertos. Digo “significações imprevisíveis” porque não é possível transmitir todo o significado de uma intenção através de um signo ou de um conjunto de signos (letra, palavra, frase). O significante (som, imagem) pode ter significados distintos para sujeitos de diferentes culturas, diferentes espaços sociais ou porque o sujeito pode não desejar transmitir seu significado. Neste caso, sua intenção seria então, a de não transmitir, ou pode desejar deturpar um significado, confundir o receptor, etc.

Identidade e diferença andam juntas. A construção da primeira apóia-se na segunda. “Identidade se define pela produção da diferença, ancorado no sócio-cultural” (Silva, Tomaz. 2006). Para que eu me identifique como uma mulher gaúcha, preciso ter em mente o que é uma mulher nordestina, por exemplo. Construo minha identidade a partir do que não sou, do “outro”, numa relação de alteridade, dentro de parâmetros sócio-culturais pré-estabelecidos, para entender e me apresentar como sou (ou deveria ser, de acordo com estes). Uma identidade afirma-se assim sempre em relação à outra, e neste instante é também afirmada à diferença. Uma existe em relação à outra. Neste processo algumas identidades ocupam o lugar do esperado, da normalidade, do hegemônico, servindo de referência, enquanto outros, sendo diferentes, são “marcados”, considerados fora da “norma”. As primeiras, ditas “da norma”, não necessitam dizer de si nem se impor, elas simplesmente são, tem seu lugar central posto na cultura;

enquanto que a identidade marcada não pode fazer por si, já que está sob o olhar crítico, excludente da identidade hegemônica. A diferença se dá então, pelo processo de significação ligado as relações de poder.

O caráter múltiplo, articulado em várias combinações, entre as identidades de raça, sexo, etnia, gênero, classe, religião, nacionalidade, refere à identidade como constituída e constituidora de redes de poder (Louro, Guacira. 2000). Sua formação se dá em relações políticas, onde indivíduos tentam impor sua ideologia. Em nossa sociedade, por exemplo, um indivíduo do sexo masculino, da classe média, de cor branca, de origem ocidental, religião católica, heterossexual, tem a hegemonia.

Cada sociedade constrói, valora, hierarquiza suas categorias culturais, tornando-as consenso. Através deste processo o poder é instituído a um determinado grupo de indivíduos que estão “enquadrados” no padrão de normatividade esperado. Aqueles que não fazem parte do “padrão”, os diferentes, no caso do exemplo: um indivíduo do sexo feminino, de classe baixa, de cor negra, homossexual, será rejeitado, marcado, submetido ao poder instituído pelo social, ao hegemônico. Fixando uma identidade como norma, o poder está concedido. Uma identidade específica é eleita em relação a outras e passa a ser natural, desejável e única, tornando a outra rejeitável e antinatural.

Relações de poder então estão sempre presentes na constituição e na definição de identidade e diferença. Nunca há neutralidade, mas uma disputa social na busca de acesso a bens materiais e simbólicos de poder. Um carro ou uma roupa de determinada marca, por exemplo, são representações de poder da cultura ocidental, que passam a ser disputados na busca de construção de identidades “desejadas, normais”, hegemônicas.

Bauman, também partilha da idéia de que a identidade é considerada um objetivo, um propósito, algo evasivo, escorregadio, negociável e renovável. De acordo com este sociólogo:

“Quando a identidade perde as âncoras sociais que a faziam parecer “natural” predeterminada e inegociável, a “identificação” se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um “nós” a que possam pedir acesso”. (2005)

Esta citação remete à fragilidade das estruturas sociais atuais, como a instituição escola, a família, as leis, a religião, e a conseqüente necessidade de busca de novas referências de um “nós”, que dêem ao individuo a sensação de pertencimento a uma estrutura sólida, segura, o que “facilitaria” sua construção de identidade. Este anseio vem da necessidade de segurança, dentro de uma sociedade instável, onde as

peças buscam o apoio umas das outras para se fortalecerem e se constituírem identitariamente.

Concluindo com Bauman, a identidade hierarquiza e diferencia indivíduos, contendo em si relações de poder. A liberdade de escolha, de construção, avaliação que leve a confirmação ou rejeição de identidades é instituído pelo social, com a finalidade de inclusão ou não do indivíduo em um espaço determinado. Experimentar uma ou outra identidade é um processo sem fim, que não demonstra em nenhum momento qual é a melhor, a mais adequada, a que vai trazer maior satisfação ao indivíduo. Seja uma identidade coletiva, “falsa ou verdadeira”, identidade-problema, identidade-movimento, identidades múltiplas, ela é sempre fluida, inacabada.

### 3.1 IDENTIDADES NA CIBERCULTURA

As transformações lingüísticas e visuais de comunicação pelo atual acesso e uso das NTICs (novas tecnologias de informação e de comunicação), nos levam também a desestabilização de idéias a respeito do que seja identidade, e de que identidades são possíveis neste espaço. O ciberespaço, então, através de novas linguagens, novas representações, novos modos de interação, também está constituindo novas identidades. Identidades estas que se manifestam e se desenvolvem nas diferentes práticas sociais em que o indivíduo participa.

O ciborge, por exemplo, referido por Haraway (1991), como sendo um híbrido composto de máquina mais organismo, “uma criatura da realidade social tanto quanto uma criatura da ficção”, nos leva a refletir: seria este indivíduo parte de um espaço onde as identidades seriam desestabilizadas e múltiplas, ou haveria prevalência de estereótipos reforçados e exagerados?

No chat, uma possibilidade de “bate-papo” via internet, há a possibilidade das características pessoais dos participantes serem desconhecidas, de haver anonimato, se assim for desejado. Este ambiente virtual, então, mostra um potencial para ser igualitário entre os participantes e para reunir pessoas na rede, ampliando sua liberdade de ação e de comunicação. Em contrapartida, pode ser contraditório em seus resultados,

restringindo esta mesma liberdade dos indivíduos, na medida em que as identidades são veladas.

Os ambientes virtuais oferecem espaços sem barreiras sócio-culturais (gênero, classe, etnia, raça, idade), oferecem a possibilidade de troca e informações e serviços, contribuindo para desestabilizar identidades cristalizadas e desafiar relações hierárquicas. No entanto, neste mesmo espaço é possível observar o reforço dos estereótipos preconceituosos e a opressão, a intolerância e o silêncio de diferentes grupos sociais. Com a ausência do contato físico e da separação tempo/espaço, no caso da comunicação assíncrona, as noções de feminino e masculino da sociedade são intensificadas.

Nos chats, as mulheres tendem a participar menos do que os homens e a ficar em silêncio quando percebem um comportamento antagônico, mesmo em listas de discussão acadêmica. Podem simplesmente observar sem contribuir ou participar de discussão somente com mulheres, por ser considerado um “lugar seguro” (Spender, 1995).

Hering, Johnson e Dibenedetto, destacaram alguns mecanismos de silenciamento que os homens utilizam com as mulheres: 1) evitar a discussão: usando o humor ou a complacência, divagando com abstrações intelectuais ou não respondendo; 2) confrontar através de expressões de raiva, protesto e ameaça de desligamento do grupo. Em relação às mulheres estes estudiosos levantaram algumas estratégias de empoderamento: 1) discutir assuntos de mulheres nas listas mistas, para superar o silenciamento; 2) solidariedade entre as participantes: não discordar das discussões iniciadas pelas outras integrantes.

Hall (in GARBIN 2003) salienta que a globalização está criando possibilidades de Identidades Partilhadas, ou seja, através da disponibilidade de contato, em tempo simultâneo, entre indivíduos de várias regiões geográficas, atravessando fronteiras, aproximando, integrando, comunicando, com a conseqüente união de culturas, hábitos e valores. São possibilidades que vieram com a cibercultura através do uso da internet nos dias atuais.

A internet se converteu em um “laboratório para a realização de experiências com as construções e reconstruções do “eu” na vida pós-moderna, uma vez que, na realidade virtual, de certa forma moldamo-nos e criamo-nos a nós mesmos”, (GARBIN, 2003, p.126). Pode-se pensar que o anonimato permite a invenção não apenas de características de personalidade como também de uma descrição física que seja

compreendida como atraente e, portanto, uma identidade que facilite, propicie uma aproximação virtual com o outro. Estas identidades “fictícias” criadas pelo próprio indivíduo podem variar de acordo com o momento, o interesse, o estado de humor ou com o destinatário da mensagem. Atrás de uma tela e um teclado é solicitada a constituição de uma identidade àquele que está a sua frente, através de ordens de discurso. São indivíduos que se encontram virtualmente transmitindo, compartilhando costumes, atitudes, padrões, valores e crenças, conhecimentos, formas de ser.

Com o uso da internet se amplia nossa compreensão da identidade como multiplicidade, através da possibilidade de construir e alternar várias “personalidades”. Os *nicknames*, por exemplo, com a escolha de autodenominações modificadas sempre que assim for desejado, tem o propósito de marcar a identidade de acordo com o momento. A identidade sendo flexível depende de algo fora do “eu”, ou seja, da relação com o outro. Segundo Garbin (2003), o que é mais importante não é saber qual a verdadeira identidade ou o seu aspecto fictício, entendendo-a como algo finalizado, construído, mas como algo em construção, como um momento retratado do indivíduo. Afinal, em nossa sociedade “presencial”, o indivíduo vivencia várias identidades, de acordo com o contexto em que está inserido, sem perder o seu eixo central.

A ausência do contato social presencial na internet estimula desinibições, tanto positivas quanto negativas. Embora possa haver maior proximidade entre as pessoas, maior mobilidade de identidade, aceitação de experimentação e ambigüidade, ultrapassagem de barreiras de preconceitos, pode haver provocações e violações.

Para Sergio Porto, “o mundo virtual depende do que é formado no mundo real”, “o mundo virtual não inova, ele simplesmente repete as imagens, os valores e os textos do mundo real”. Haje e Attuch dizem:

“A internet surgiu como um espaço inovador, livre dos interditos do mundo concreto. As possibilidades pareciam infinitas. Contudo, os usuários estão impregnados de velhos discursos, de antigos padrões. Mesmo com todo o potencial do novo meio, a utilização que dele se faz segue orientada por uma cultura ainda intacta”. (1999).

As identidades no ciberespaço parecem estar ligadas ao conceito de desterritorialização. Novos territórios, novas formas e novos significados, onde as interações possibilitam liberdade e emancipação para a criação de identidades múltiplas, considerando que os internautas trazem consigo suas expectativas, seus valores. Há por um lado, uma promessa de emancipação e, por outro a regulação do já instituído, do social, que está impresso no sujeito que habita o ciberespaço.

### 3.2 IDENTIDADES DAS/DOS DOCENTES

“As noções não nascem, mas se fazem”... (Enguita. 2004) e o principal instrumento deste processo é a educação. A escola tem uma importância essencial como um ambiente social nos países em desenvolvimento, de acordo com documento elaborado pela UNESCO. É esperado que ela tenha autonomia para construir seu Projeto Político Pedagógico, que desenvolva uma forma própria a partir de um diálogo com sua realidade e, que invista na formação inicial e continuada de seus professores.

De acordo com pesquisa realizada pelo MEC em 2005, de um total de 698.776 professores/as do Ensino Fundamental de 5ª a 8ª série no Brasil, 26,21% não possuem formação em Licenciatura, ou seja, possuem Ensino Médio sem Magistério, com Magistério e curso superior sem Licenciatura. O restante, 73,79 % possui formação superior com Licenciatura no país. Em relação aos/as professores/as do Ensino médio, de um total de 385.082, 14,74% não possuem formação com Licenciatura, enquanto que 85,26 % possuem.

Começo discutindo a questão a identidade docente como vocacional e como profissional. Ambas parecem estar intimamente ligadas uma a outra. Relacionadas a primeira estão a definição de si mesmo e o reconhecimento pelo outro, como noções que motivam a escolha do Magistério e as expectativas de ascensão no interior do corpo docente. Relacionado com a segunda, a identidade profissional, parecem estar as estratégias que o/ professor/a utiliza para executar seu trabalho, o que revelaria seu grau de envolvimento profissional.

As instituições escolares produzem e são produzidas por práticas culturais e de significação, como as representações de gênero, classe, raça, sexo, etc., limitando espaços, instituindo o que pode e o que não pode ser feito. Ao realizar este estudo percebe-se o quanto gênero está implicado com a identidade docente. Desde o início da atividade escolar, o cuidado, a vigilância, o afeto, a confiança, são práticas buscadas, valorizadas e esperadas dentro deste espaço na atuação de educadores. É a “feminilização do magistério” (Guacira. 2003), uma imagem de atividade feminina que se apropriou da profissão, independente do sexo de quem a exerça. É preciso que o/a próprio/a docente seja um modelo a ser seguido. Para tanto, seu corpo, sua alma, seu comportamento, seu pensamento, sua linguagem deve ser disciplinada. Representando-se como um “mestre exemplar”, modelo de virtudes e sabedoria, produzindo sentidos e

sujeitos “esperados”. As metáforas sobre ela/e: “farol, luz, lâmpada, sol, porta, escultor, artista, maestro, herói, etc.” tem o significado de alguém que deve esquecer-se de si mesmo para pensar no outro – iluminar, abrir caminhos, construir o outro – aluno/a. Identidade docente confunde-se então, com identidade maternal, algo que está naturalizado, embora historicamente datado e não natural.

A representação homem-professor, no entanto, é distinta. Está mais ligada à autoridade e ao conhecimento, cabendo a ele a seleção, produção e transmissão dos conhecimentos. Ex: confecção de programas, livros, mapas, métodos de investigação científica validos, a linguagem e a forma de apresentação dos saberes, etc... As formulações pedagógicas construídas a partir da visão feminina apóiam-se no reconhecimento das desigualdades entre meninos e meninas na escola e, dos dualismos existentes: competição/cooperação, objetividade/subjetividade, hierarquia/igualdade, razão/emoção, autoridade/ submissão, etc...

Os parâmetros básicos de formação de professores/as, elaborados nas Escolas Normais, mostravam (e hoje?) um tipo especial de identidade docente, aquela citada como vocacional. Compõe-se de características “herdadas”, que modelam a conduta sem que o sujeito (mulher, especialmente) tenha consciência ou controle sobre isto. Ensinar era considerado um dom ou uma vocação tipicamente feminina, com um sentido “missionário”. O perfil de professor/a então estava baseado em valores espirituais e morais, com predominância religiosa católica. Este dom, embora ligado à generosidade, ao desprendimento e ao sacrifício, assegura ao “agente do ato generoso” recompensa pessoal e reconhecimento social.

Sendo a vocação a justificativa da escolha profissional, as professoras, principalmente, revivem estereótipos de gênero e um forte sentimento altruísta em relação à docência. Algumas das características relacionadas a esta: a devoção, a humildade, a doçura, a constância, a paciência, a firmeza, a sabedoria, o silêncio, a prudência, a vigilância, a generosidade, o bom exemplo, de acordo com o “Manual para o uso da Filhas da Caridade” empregado nas escolas (1866). Estariam hoje estas características desatualizadas? Ou ainda presentes nos pré-requisitos de “uma boa professora”?

Para serem analisados estes aspectos, pensemos na definição de identidade masculina em torno do reconhecimento social vindo do um trabalho produtivo e, na identidade feminina com seu reconhecimento social vindo do meio doméstico, ou similar. Embora com o processo de emancipação feminina, com a industrialização

crescente e a expansão do mercado de trabalho, com a conseqüente construção de uma nova identidade, a mulher mantém uma dupla dependência: econômica e identitária. Ela agora tem um acúmulo de funções domésticas e profissionais.

Identidade profissional, segundo Duber (2000), inclui a maneira como os indivíduos são reconhecidos socialmente pelas suas atividades remuneradas e a projeção de uma trajetória de trabalho a partir de investimentos em sua formação. Trata-se da construção de estratégias de identificação que inclui a imagem de si, a apreciação de suas aptidões e capacidades e a realização de seus desejos. Da profissionalização então, fazem parte interesses comuns e contraditórios, da administração das escolas e do próprio professor.

O elevado número de mulheres no Magistério é um fenômeno mundial. Embora hoje tenham mais acesso à escolarização, ainda são influenciadas pela orientação social dada em relação à sua escolha profissional; continuam nas áreas de menor prestígio social, para “lembrar seu justo lugar” (privado ou subalterno), para persuadi-las de seus dons natos e de vocação: área literária, humana e social (docência, psicologia, letras, filosofia, serviço social, sociologia, etc.). Enquanto que a área científica e tecnológica continua dominada pelos homens. Importante lembrar também que a entrada no Magistério ocorria muito cedo, em torno dos 15 anos de idade e, que sua formação, sobretudo universitária quando havia, era fruto de seus próprios investimentos pessoais. Este fato foi uma realidade durante muito tempo reforçado pela sociedade e incentivado dentro das próprias famílias que viam no magistério o “futuro seguro” para suas filhas, além do casamento esperado. Era o ideal de um “objetivo de vida” para uma mulher: ser professora e casar, uma união perfeita.

A formação profissional como docente, seja ela inicial ou continuada, apresenta dois aspectos: como espaço de aquisição ou de reforço de “habitus” de ensinar, segundo Bourdieu (1970) e, como espaço de construção de identidade profissional, questionando e buscando superar a identidade vocacional, através de interações com outros sujeitos no ambiente educacional.

A identidade docente é então, um conceito em elaboração, buscando se adequar ao momento atual, ao sujeito de hoje. A função docente e a forma de desempenhá-la estão relacionadas a aspectos econômicos, psicológicos, técnicos, culturais, éticos, políticos, institucionais, religiosos, familiares, afetivos, etc., não estão baseados em saberes estáveis, sistemáticos, fixos. Os profissionais então se apóiam em experiências

pessoais (valores, crenças) e profissionais (referencial teórico). É importante haver uma interação entre estes dois campos.

“O conhecimento do professor não é meramente acadêmico, racional, feito de fatos, noções e teorias, como também não é um conhecimento feito só de experiência. É um saber que consiste em gerir a informação disponível e adequá-la estrategicamente ao contexto da situação formativa, em que, em cada instante, se situa sem perder de vista os objetivos traçados”... Alarcão (1998).

Nóvoa (1997), fala da necessidade no processo de construção de identidade docente de encontrar espaços de interação entre o pessoal e o profissional, onde haja uma reflexão crítica constante sobre suas práticas e sua identidade. É o saber da experiência. Tardif (2000), e Arroyo (2000), concordam com este ponto, sobre a importância do exercício da docência ser fundamentado naquilo que o/a professor/a é enquanto pessoa, na maneira como une e como percebe suas potencialidades e limites individuais e sociais, isto é, estes três autores falam da necessidade de uma inclusão do pessoal no profissional como essencial.

Duas práticas docentes podem ser destacadas, porque contraditórias em suas funções e exercício. A primeira, onde o/a professor/a percebe o domínio do conteúdo como suficiente para o exercício de docência, sendo sua prática repetitiva, monótona, desmotivante. Nela não há espaço de participação ativa do/a aluno/a, ou para desenvolvimento e habilidades, competências, reflexões, autonomia. Há apenas exposição e assimilação e conteúdo, mera transmissão de informações. Sem diálogo, não é possível haver uma interação, o que impossibilita o crescimento de ambos: professor/a e aluno/a. Há uma estagnação. Mas o mercado de trabalho, o cidadão, exige outra prática docente hoje, que seja dinâmica, flexível, não linear, não hierarquizada. É necessário que haja professores/as que demonstrem disponibilidade e interesse em participar de projetos, que reconheçam sua carência pedagógica, que busquem uma maior qualificação em uma formação continuada. É necessária uma nova identidade docente – ou novas identidades docentes, de acordo com cada contexto.

Qual é o lugar que a docência ocupa na vida deste profissional-docente? É uma posição plena como ocupação principal? É uma ocupação semi-profissionalizada? É uma ocupação em vias de profissionalização? Como é valorizada pelo sujeito e pela cultura em que está inserido? O que pensar sobre a identidade social dos/s professores/as que nos últimos anos vêm seus recursos culturais se esgotando, gerado por condições desfavoráveis de trabalho: acúmulo de vários empregos (dupla ou tripla jornada de

trabalho), com outras ocupações (muitas vezes não como professores), diminuição de idas a museus, cinemas, teatros, de possibilidade de compras de livros, de participação em encontros educacionais, seminários, curso de aperfeiçoamento, qualificação, atualização,...?

Considerando que estas formações socioeconômicas atingem a subjetividade e a identidade, como consequência a imagem pública destes/as professores/as também se vê prejudicada, pois docência ainda é percebida como missão e vocação. O/A professor/a então fica entre a prática sensível e solitária da convivência com os alunos (diante da fome, da miséria, de famílias desintegradas, da violência familiar,...) e o discurso objetivo e racional sobre o profissionalismo. Culpabilizados por não responderem as exigências escolares, os/as docentes estão isolados/as nas salas de aula. É desta docência que estamos falando. De um exercício docente que necessita da interação com a escola, a comunidade, com o Estado, para juntos cumprirem o papel de educar cidadãos.

Outro aspecto importante a levantar é o trabalho docente daqueles/as professores/as que exercem sua função em casa, em aulas particulares, junto a alunos/as que temem o fracasso escolar. É uma rede paralela de ensino, informal, que serve, muitas vezes de apoio econômico complementar. Fatores como este sustentam a “visão miserabilista” que Nóvoa (1998) assinala como uma necessidade de superar, pois envolve o/a professor/a, interferindo em sua identidade docente, desvalorizando-o/a perante a si mesmo e perante o social. Esta “domesticidade” acaba por ser um obstáculo a sua profissionalização, não somente pela remuneração, mas também pela delimitação de competências.

Quanto à formação deste/a professor/a, a nível universitário, pensemos nos cursos de Pedagogia. Os cursos noturnos e à distância proliferam, o que não assegura a sua qualidade, nem a formação de seus/uas alunos/as como futuros profissionais. Há limites em suas práticas. Para Nóvoa (1988) após analisar seus currículos, concluiu que há uma oscilação entre três ênfases: na metodologia, na disciplina e no científico - pedagógico. Em nenhuma delas há o estímulo a reflexão, apenas são trabalhadas dicotomias: saber/métodos, ciência/técnica, saber fundamental/saber aplicado. Crenças e representações anteriores não são consideradas. É como se o/a aluno/a, futuro/a professor/a não fosse constituído/a por uma história anterior. E que depois, ao formar-se, deve transformar-se em professor/a... considerando que só aí ocorrerá a profissionalização, no exercício de seu ofício. Estaria então, a partir deste momento, suprimindo a falta de articulação entre saberes do currículo, a redução de disciplinas de

caráter instrumental e ausência de projetos pedagógicos no seu curso de “formação” docente.

Não pode ser deixado de ser lembrado também que nas últimas décadas os/as professores/as vem buscando se afirmar, se reconhecendo e exigindo ser reconhecidos/as como uma categoria. Vem afirmando e defendendo sua identidade enquanto trabalhadores/as da educação, especificando seu saber e seu fazer enraizado em uma história. Esta identificação como professor/a- trabalhador/a não parece ainda ter modificado a imagem do/a professor/a, em perante si nem perante o social.

A busca de identidade continua. “Somos professores, não trabalhamos como professores” (Arroyo. 2000). Este é um trabalho que se identifica com a totalidade da via pessoal. A competência é uma característica que pode ser conquistada através de novos cursos de graduação, especialização, pós-graduação, formação permanente, tornando a escola de melhor qualidade, pela melhor qualificação profissional do/a professor/a. É esperado que a competência defina ou altere o imaginário social sobre nosso ofício (o de ser professor), reconhecendo e valorizando-o. De acordo com ele:

“Somos a imagem que fazem do nosso papel social, não o que teimamos ser. Teríamos que conseguir com que os outros acreditem no que somos... somos a imagem social que foi construída sobre o ofício de mestre, sobre as formas diversas de exercer esse ofício. Sabemos pouco sobre nossa história.” (id. 2000)

Há várias imagens de professor/a, várias identidades docentes, auto-imagens e imagens sociais distintas. E um desencontro entre as imagens do social e as auto-imagens pretendidas por cada um, que mantém a pergunta: “quem é”? Cada contexto, seja da Educação Infantil, da Educação Fundamental, do Ensino Médio, da Educação Técnica, da Universidade, possui uma expectativa de identidade docente de acordo com suas necessidades e interesses. E o reconhecimento social destes profissionais será de acordo com o campo de atuação, os sujeitos com quem trabalham ou os valores a que sua atuação se vincula, sem que se deixe de ter consciência das limitações sociais, culturais e ideológicas inseridas na profissão docente.

Na busca de identidade está incluída a reflexão e discussão sobre a construção de uma adequada proposta educacional. Esta será embasada em um referencial pedagógico, que será constituído de um conjunto de informações, conhecimentos e experiências que irão orientar as decisões e práticas docentes em permanente questionamento e revisão. A este processo de construção, acompanha-se uma mudança qualitativa nas relações internas das instituições de ensino, a partir do momento em que

a prática docente passa a ser integrada, integradora, compartilhada. Cria-se assim, aos poucos, uma nova identidade docente, individual e social, a partir da conquista e disponibilização de um espaço para diálogo, discussão, troca, reflexão e planejamento nas instituições e entre elas.

De acordo com Grillo:

“O professor edifica sua identidade sobre um equilíbrio entre particularidades pessoais e profissionais, e, a partir de uma análise de sua prática, é possível revelar a totalidade da pessoa do professor. Essa prática revela a marca de um professor, seja na opção deste em priorizar um determinado conteúdo, seja também no tratamento metodológico deste conteúdo, mostrando formas prazerosas ou não de abordar assuntos enfadonhos, revelando assim seus valores, interesses e expectativas pessoais e profissionais...” (2000)

A identidade docente é, então, um campo de lutas e conflitos, é um lugar de construção de maneiras de ser e de estar na profissão. Baseia em um equilíbrio entre os aspectos pessoais e os percursos profissionais do docente. A nova identidade deverá se perceber participando de relações de poder; refletir na sua ação, sobre a sua ação e sobre sua reflexão, fazer uma autocrítica constante sobre seu próprio exercício profissional; promover discussões com alunos e outros profissionais sobre as representações encontradas em livros didáticos, jornais, revistas, peças publicitárias, filmes, modelos familiares, textos literários, produzindo novos textos, derrubando certezas, deslocando hierarquias. É uma identidade profissional de um docente prático-reflexivo.

### 3.3 REFLEXÕES SOBRE AS IDENTIDADES DAS/DOS DOCENTES NA EAD

O que dizer então, sobre os/as professores/as que atuam na EAD? Consideremos as mudanças nos últimos 50 anos que afetam a sociedade, em especial com o surgimento das NTICs (Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação). Com estas inovações, novos hábitos, novos valores individuais e sociais se instauraram entre nós. A educação não ficaria fora deste contexto, levando em conta, além disto, que o mercado de trabalho e as novas gerações de alunos/as apresentam novos interesses e necessidades.

Novos desafios se impõem as instituições educacionais e ao/a professor/a para que os atenda. Importante então, desenvolver um novo paradigma educacional que trabalhe com a motivação dos/as alunos/as, a construção e novas competências (do/a professor/a e do/a aluno/a), o desenvolvimento a autonomia, a alfabetização informática (do/a professor/a e do/a aluno/a), em ambientes de aprendizagem cada vez mais ricos e estimulantes. Acredita-se que estas novas tecnologias sejam capazes de trazer uma mudança na prática de formação docente e no perfil destes, seja possibilitadora de surgimento de novas identidades docentes.

A forma de utilização das NTICs vai variar de acordo com o grau e informatização do/a docente, com a representação que ele/la tem da informática no seu processo de aprendizagem, das estratégias de intervenção pedagógica que utiliza. Ou seja, mais uma vez é ressaltada a importância da junção dentre conhecimento e valores pessoais, entre o profissional e o pessoal, na sua constituição de identidade docente. Questiono: “Será uma nova identidade docente? Ou apenas o desenvolvimento de novas competências, com acesso a novas informações, em um novo contexto, somados aos seus valores, crenças, experiências, vivências pessoais? Decorre deste novo paradigma educacional, uma maior motivação para “aprender” novas competências, adquirir (formar) novos conhecimentos, o despertar de um maior interesse, maior envolvimento pessoal e profissional, talvez uma maior facilidade de compreensão dos conteúdos apresentados, com maior capacidade fixação em objetivos, maior flexibilidade cognitiva, melhor aprendizagem, maior curiosidade, tanto para o/a aluno/a como para o/a docente? Embora alguns autores defendam a idéia de que os cursos on-line favorecem mais a aprendizagem do que os cursos presenciais, outros defendem a idéia de que não há diferença significativa no nível de aprendizagem entre eles.

Segundo Torre (2008), “no podemos seguir educando con métodos del ayer a jóvenes que ya viven en el mañana”. As bases didático-pedagógicas devem ser reformuladas para atender ao/a novo/a aluno/a conectado as inovações tecnológicas e familiarizado com o ciberespaço. Para isto o/a professor/a deverá também se transformar, sendo mais flexível, disponível as novas necessidades, desenvolvendo estratégias metodológicas para a criação e utilização de espaços de aprendizagem integrada. Uma identidade docente que inclua características como flexibilidade ao novo, estímulo a integração no grupo, com o meio, envolvimento pessoal unido ao profissional, valorização das vivências, das trocas, da autonomia, do saber cultura-tradição, do senso-comum (sem subestimar o saber científico), criando situações

desafiadoras, estimulando à colaboração, a cooperação, a auto-produção e auto-organização no processo de aprendizagem, a mediação pedagógica, a inclusão, a interação digital, ou seja, um/a professor/a que se ocupe do/a aluno/a na sua individualidade e sistematicamente no seu processo grupal de interação.

A qualificação para as relações interativas entre os sujeitos participantes, para a utilização da linguagem emocional, como instrumento mediador, unida aos novos conhecimentos teóricos praticos necessários das novas tecnologias, para o exercício pedagógico, são fatores básicos na construção da nova identidade docente na EAD.

Na mediação pedagógica, professor/a e aluno/a se auto-constróem enquanto se auto-organizam, enquanto aprendem a trabalhar colaborativamente, em um processo dinâmico e constante.

Para encerrar esta discussão cito Masseto,

“Por mediação pedagógica entendemos a atitude, o comportamento do professor que se coloca como um facilitador, incentivador ou motivador da aprendizagem, que se apresenta com a disposição de ser uma ponte entre o aprendiz e a aprendizagem... que ativamente colabora para que o aprendiz chegue a seus objetivos” (2000)

## CONSTITUIÇÃO DAS IDENTIDADES DOCENTES NA EAD

Nas seções anteriores, delineei o campo teórico metodológico que irá subsidiar e encaminhar as reflexões sobre a identidade docente em ambientes virtuais. As teorizações que elegi como suporte das análises ressaltam a dimensão cultural de gênero das identidades docentes. As análises culturais situam o corpo como um espaço no qual se definem e se expressam marcas que, muitas vezes, determinam atribuições e significados aos sujeitos em diferentes contextos sociais e históricos.

Escolhi o AVA para analisar e refletir as representações docentes por se tratar de um espaço valorizado pela cultura atual e em franca expansão. Vários são os fatores sociais e culturais que apontam para a educação à distância como um campo em crescimento. Seja pela maior possibilidade de acompanhamento de um curso de graduação, pós-graduação ou extensão, visto que aproxima indivíduos que residem em locais distantes das instituições educacionais, pela possibilidade de participar de uma maior qualificação e/ou atualização profissional em casos de falta de disponibilidade de tempo, devido a uma carga horária profissional muito extensa, ou para que mais pessoas possam se profissionalizar, recuperando um tempo onde não havia oportunidades como esta, a EAD hoje tem um importante papel social e cultural na vida profissional do país. Muitas são as pessoas que já estão se beneficiando dela embora, ainda ela seja alvo de alguns preconceitos. Existe ainda um grupo considerável de pessoas leigas e mesmo de profissionais da educação que não percebem seu valor, seu potencial pedagógico de contribuição. Por ter esta modalidade de estudo hoje um papel tão importante, por perceber que esta é mais do que uma tendência mundial crescente, uma necessidade urgente, estou investindo em pesquisa nessa área.

O ambiente analisado compõe-se de quatro principais ferramentas de auxílio ao desenvolvimento de suas atividades: Fórum, Glossário, Tarefas, Wikis. Este estudo, no caso, estará centrado nas atividades do Fórum. Há nele o fórum geral da disciplina, com temas livres, há quinze seções específicas, onde cada uma delas tem em geral, um ou dois fóruns, com um número entre um e cento e sete tópicos postados. Em cada um destes tópicos os alunos postam seus comentários, disponibilizando-o aos colegas, do mesmo pólo ou de outro pólo do país, para discussão.

Foram acompanhadas as falas no fórum do AVA Moodle, onde foi selecionada uma disciplina do curso de Licenciatura em Música: ESPETÁCULOS ESCOLARES A, em três (3) seções: seção 1- “Espetáculos Escolares em minha escola”, com 107 tópicos em todo o país, todos os pólos, sendo 11 tópicos da turma; seção 9 – “Festivais como espaço de revelação de talento”, como 51 tópicos em todos os pólos, sendo 5 tópicos da turma; seção 14 – “Festas religiosas e identidade cultural”, com 27 tópicos em todos os pólos, sendo 2 tópicos da turma.

Na turma analisada, composta de 16 alunas inscritas, 10 foram as alunas participantes no Ambiente. Havia interação com alunos e alunas de outros pólos, porém foram levadas em consideração somente as falas da turma original, ou seja, das alunas da turma A da cidade de Cachoeirinha, Rio Grande do Sul. Saliento que nas postagens feitas por elas, os poucos comentários realizados foram por alunos e alunas de outras turmas, outros pólos. Isso talvez tenha ocorrido devido ao fato da disciplina acompanhada, através de observação, sem qualquer participação ativa do pesquisador, ter feito parte do primeiro semestre do referido curso. Levo em consideração o fato de que os alunos não estavam familiarizando-se com o AVA e seus recursos disponibilizados, ou seja, suas ferramentas de construção de conhecimento. Outro fator a ser levado em consideração é que devido à amostra selecionada ter sido composta por um número reduzido de indivíduos, conforme citado acima, os resultados devem ser relativizados. Ou seja, são observações feitas a partir das falas neste grupo específico de alunas, e as considerações levantadas só podem ser entendidas em relações a esta amostra analisada. Generalizações são desconsideradas.

A turma compunha-se apenas de alunas do sexo feminino, tendo havido evasão de seis (6) destas ainda no primeiro semestre do curso. Elas já atuavam como professoras, visto que era uma condição estipulada como primordial pelo Projeto Nacional Pró-Licenciaturas do MEC, em educação à distância, para que participassem do mesmo. Este projeto tem como objetivo oportunizar a profissionalização e maior qualificação de professores/as do país, que tem dificuldade de buscá-la devido à distância entre a localização de suas residências em relação a universidades e faculdades e/ou falta de disponibilização de tempo devido ao seu trabalho ou outro fator pessoal.

Outro importante fato a ser levado em conta nesta análise é de que, por serem estas alunas já professoras atuantes em sala de aula, traziam uma bagagem sócio-histórico-cultural em relação a uma identidade docente. Bagagem esta que, por si só,

como elemento pré-existente “influencia fortemente” a (re) construção de sua identidade docente agora no AVA, enquanto busca uma maior qualificação profissional.

Ao abrir a página do Fórum geral já é possível perceber que o ambiente, (entendo aqui ambiente como o/a professor/a da disciplina e tutores), embora estimule a participação dos/as alunos/as e a integração, impõe limites às colocações dos/as mesmos/as. É recomendado ao/a aluno/a na unidade das disciplinas, que na exposição de idéias e comentários deve se ater ao que é pedido, conforme palavras citadas a cada seção iniciada (“*Você não tem permissão para abrir um novo tópico de discussão para todos os participantes*”), em todas as disciplinas.

O AVA Moodle, neste curso de Licenciatura em Música, modalidade EAD, parece usar das mesmas linguagens, na forma e no conteúdo, da constituição de identidades docentes tradicionais. Parece que, mesmo estando inserido em uma nova cultura, a cibercultura, utilizando-se de recursos tecnológicos, o AVA mostra-se em geral, estimulando e reforçando o modelo vigente de identidade docente de gênero, apresentado na educação presencial, quando na formação de professores.

Revisando a literatura existente na área, encontramos características da identidade docente na EAD, como: flexibilidade, inquietação na busca de atualização constante: seja teórica, tecnológica e cultural, capacidade de inclusão valorizando as diferenças, isto é, os potenciais individuais, uma sensibilidade mais aguçada para entender o/a aluno/a nas “entrelinhas do dito” (visto que a comunicação se dá essencialmente pela via escrita, o que poderia dificultar a mesma), estímulo e reforço ao desenvolvimento de autonomia nos/as alunos/as, incentivo a construção de conhecimento individual e grupal, tendo como base a aprendizagem colaborativa e cooperativa, a interação no grupo, o desenvolvimento de sua própria autonomia (do docente), e uma maior disponibilidade de tempo para acompanhá-lo, centrando todo o seu trabalho no/a aluno/a em Processo de crescimento. Algumas destas características, embora não comumente presentes na docência tradicional, estão inscritas como essenciais no novo paradigma educacional. Indicado também para a docência na educação presencial nos dias atuais, ele teria na EAD, o seu espaço obrigatório na sua constituição e no seu cotidiano de atuação profissional.

Estas características, em grande maioria, não se mostraram presentes na disciplina que teve suas atividades acompanhadas. Fato este que não pode ser determinante para uma conclusão por ter sido a mesma, parte do primeiro semestre do curso. Estava sendo iniciada a integração entre a turma e a familiarização com o

Ambiente Virtual e suas ferramentas de apoio pedagógico. Por este motivo considero importante uma continuidade deste estudo, para que seja realizado um acompanhamento de seu desenvolvimento.

Os valores que se destacam, pela frequência e pela repetição, lembrando Tomaz Tadeu da Silva, recebem critérios de verdade e se consolidam na cultura, através da linguagem. Alguns aspectos são possíveis de serem observados no espaço virtual de formação de professoras e professores, e nos fazem pensar: o que essas categorias selecionadas podem nos informar sobre a construção docente? O que significa, por exemplo, conhecimento ser um desprazer e senso comum estar ligado ao prazer? Foi destacado na fala de UMA aluna: *“O que penso a princípio dos espetáculos escolares é a seguinte: ainda bem que eles existem. Uns não são tão teóricos assim, mas a alegria que as pessoas sentem ao assistir ou apresentar já vale a pena. Temos que qualificá-lo sem tirar o prazer das pessoas participarem deles seja pelo motivo que for; ou mesmo na fala da professora da disciplina: ... “nos faz refletir sobre o uso superficial de termos do senso comum, que, na verdade, carregam grandes cargas de significados velados”... Podemos pensar que o trabalho da professora se aproxima a um trabalho mais doméstico, no qual teoria não faz sentido, que o que importa é saber-fazer, “o fazer que humaniza”.*

Pensando no fato de que estas alunas, por serem mulheres e estarem na área artística, da música, “deveriam” ter uma sensibilidade maior (como um dom nato) para com o/a aluno/a, com os/as colegas, tutor/a, professor/a? Pode se pensar então, que estas professoras-alunas carregam em si mesmas representações sócio-culturais de uma identidade docente tradicional (?).

A prática diária à custa de criatividade, frente aos poucos recursos da escola. É outro aspecto interessante. Afirma outra aluna: *“Mesmo com poucos recursos nunca falta criatividade, parceria e muito jogo de cintura, mas no final tudo fica bem lindo, Ah! O centro da nossa escola é o palco!”.* Com isso, lembra a dona-de-casa frente às necessidades da família e seus deveres de proteção, dedicação ao seu espaço e as pessoas próximas. O “aspecto maternal” da identidade docente, que pode ser exemplificado nesta fala da aluna: *“na escola onde realizei o estágio, solicitei aos alunos que confeccionassem uma maquete do bairro onde moravam. Foi um trabalho executado com criatividade, entusiasmo e colaboração... em uma exposição posterior, os alunos ficaram orgulhosos, pois foram muito elogiados por todos. Foi um*

*sucesso!!!*” Aqui aparece a valorização do espaço próximo, do íntimo, da criatividade, da colaboração na vida conjunta, como uma extensão do universo familiar.

A valorização da interação, como um aconchego que deve ser propiciado aos seus alunos, socializando-os, reforçando sua auto-estima, com um fim pedagógico, como se pode observar neste depoimento: *“nas datas comemorativas, as apresentações acontecem para toda a comunidade escolar e também para a integração inter-séries. Esses acontecimentos são importantes para os alunos, pois trabalha auto-estima e aprimora a sua aprendizagem”*. Neste contexto, que espera dela uma posição “maternal”, o que conta é a expectativa do “outro”, da sociedade de que ela “cumpra o seu papel”, aquele designado pela cultura, tendo o social, o instituído como referência. Esta constatação pode ser feita na fala: *“Estou apresentando uma peça teatral com fantoches sobre higiene corporal, trânsito, drogas, dengue e educação ambiental. Estou contente pelos resultados obtidos, tanto pelos convites recebidos das escolas locais, bem como de outros municípios. Os alunos desde pré-escola até a 4ª série do Ensino Fundamental estão interagindo em todas as apresentações e assim estamos obtendo um aprendizado coletivo, o que traz uma grande realização profissional.”* – sensação de “missão cumprida”, complemento.

O seu trabalho é o mesmo: “cuidar” de pessoas que estão sob sua responsabilidade, orientá-las para que cresçam com autonomia, dentro de um espaço interno, dentro de padrões pré-estabelecidos pelo social, sob uma “nova capa”, que é a tecnologia como ferramenta para chegar aos mesmos fins? Manter os mesmos padrões culturais? As mesmas identidades docentes e de gênero? Este seria um “dom” feminino, uma missão que continua na sociedade? E o que acontece com a mulher que não tem este dom? O desenvolve como um “talento”, citado no AVA deste curso, mesmo que atue sem o mesmo brilho de quem tem o “dom”? Ou então busca outro caminho profissional, também “feminino”, para que seja aceita e valorizada, sem necessitar romper barreiras sociais e culturais (?).

Dom e Talento são conceitos que se apresentam neste AVA em diferentes situações, tanto relacionada à identidade docente quanto a identidade de aluno. “Dom” é descrito como natural, como uma qualidade que nasce com o indivíduo e, “talento” como uma aptidão, uma qualidade adquirida, estimulada pelo “Outro”, pelo social. É importante pensar na postura do/a professor/a, o modo pelo qual ele vê, percebe o/a aluno/a, o/a incluindo ou excluindo, a partir de um julgamento feito pelo social. Neste contexto o/a professor/a passa a ser o/a representante do social. Tendo o social

introjetado em si, ele/la tem o poder de designar o lugar de cada um, conceitualizar, valorizar ou desvalorizar o/a aluno/a – outro. Tema ao qual a aluna- professora se refere às suas alunas: *“Portanto, cuidado! O julgamento por ter ou não talento ou dom implica sempre ações que devem ser realizadas com cuidado, pois tanto no dito “possuidor de um dom”, quanto ao outro, diversas expectativas são criadas, afetando sua auto-imagem e suas possibilidades de aprender.”*

Se dom ou talento fazem parte da identidade docente, até que ponto a visão do “Outro”, o social, interfere na construção de sua identidade, levando em consideração o fato de ser professora e mulher? Quais são os requisitos culturais mais determinantes na construção de identidade docente? Parece que eles se complementam se auto-reforçam. Afinal, ser criativa em meio a limitações de recursos, classificar o “Outro” (aluno) baseado no cultural e assim o incluir ou excluir, valorizar seu espaço próximo frente ao global, conceituar e contextualizar a aprendizagem com base na socialização, na interação, no reforço a auto-estima, privilegiar o reconhecimento, a remuneração na valorização profissional, *“fazer da aula um espetáculo”*, como quem brinca de teatro, de “casinha”, com filhos-crianças, utilizando-se inclusive de datas comemorativas como uma forma de pedagogização, segundo Guacira Lopes Louro, são características presentes na identidade docente. Muitas destas trazendo consigo identidades culturais de gênero, modos de “ser feminino”, como base da identidade docente. Identidade docente parece estar intimamente relacionada com identidade de gênero feminino, mesmo neste “novo contexto” (em construção) educacional, na cibercultura, dentro de um AVA. A feminilização do magistério ainda é uma realidade, mesmo nos dias de hoje, com os avanços tecnológicos, visto que a grande maioria das pessoas que buscam a área para se profissionalizar são mulheres.

E se dom é uma condição de docência, o que concluímos a respeito desta fala? *“Alguns se manifestam dizendo que “muitos talentos estão por aí, sem reconhecimento”*. Esta é outra questão levantada, o reconhecimento. Se entendermos talento com uma habilidade adquirida pelo esforço, transformada em profissão, deve ser exercida e remunerada. Mas, para isso, tem que ser útil! Logo, de que reconhecimento estamos falando?! Além disso, se estivermos nos referindo a algum dom... Pergunta-se: será que o verdadeiro dom requer reconhecimento ou paga? Acaso os grandes artistas e gênios, os que efetivamente contribuíram com a humanidade, tiveram seus méritos reconhecidos em seu próprio tempo? E será que alguma condição especial e recebida sem esforço próprio (já que o dom é inato), é algo que deva ser louvado? Se o recebeu

de graça, não será de graça que deverá contribuir com ele?! Isso porque, afinal, esperar reconhecimento nada mais é do que esperar ser “remunerado com elogios”, o que só alimenta o ego. Como é valorizado o docente por seu trabalho e sua dedicação profissional? Se for considerado tendo um “dom”, é valorizado então, através de reconhecimento, elogios? Se for como tendo um “talento”, é valorizado então, através de remuneração?

Traz-nos uma das alunas a respeito de dom e talento: *“as inteligência múltiplas podem sim se fundir e se interinfluenciar, através de sensíveis condicionamentos, intencionais ou não. O que há no ser humano é uma acomodação onde o sujeito busca em geral o que lhe parece mais fácil, mas não por ter tal ou qual inteligência mais desenvolvida, mas por comodidades e fatores pessoais.”* – seria por influência do sócio-cultural, acrescento?

Há mais para se fazer do que simplesmente ensinar a explorar, a utilizar as potencialidades das novas tecnologias na educação. E mudanças culturais como esta, que alteram a maneira de ser, trabalhar, estudar, perceber o mundo, forçam a construção de novas identidades. Deve-se então, problematizar o velho paradigma educacional, buscar um novo paradigma na educação. Buscar uma identidade docente focada no desenvolvimento da autonomia, da reflexão, do questionamento, contextualizando professor-aluno-escola-cibercultura. Buscar saber de que professor/a, de que aluno/a, de que escola, de que comunidade, de que cultura estamos falando. Questionar também quais as identidades docentes necessárias e possíveis nos dias de hoje, não mais se restringindo a uma identidade ideal. Devem ser levadas em conta as realidades de cada espaço, de cada momento histórico. Repensar barreiras de tempo e de espaço é necessário, na cibercultura, em busca de um novo paradigma educacional real e possível, adequado e coerente com as necessidades e interesses do ser humano. Inserido na cultura, produzindo e renovando a cultura, partindo do próprio ser humano.

## CONSIDERAÇÕES

Repensar a educação tradicional, baseada na repetição de padrões identitários, e buscar novos horizontes onde a educação e os indivíduos nela envolvidos sejam respeitados em seu ritmo próprio de crescimento e vistos dentro de cada cultura. Maria Cândida de Moraes traz esta idéia, falando da necessidade de um novo paradigma emergente na educação, que saia da mera transmissão de informações e instruções. Há de se pensar, repensar, problematizar a educação, presencial e à distância, a partir de uma nova identidade docente, voltada ao ser humano, a formação de cidadãos, mais justa e igualitária. Não se acomodar ao uso simplesmente de novas tecnologias na educação, como solução para problemas antigos e atuais ou como forma de atualização, sem questionar e planejar pedagogicamente a inclusão delas na escola.

Como um ser humano-profissional, seja ele homem ou mulher, no lugar de professor/a, poderia ser enquadrado em uma identidade docente? Se cada espaço, cada contexto, cada cultura tem suas características, fluídas, em evolução contínua, como poderia haver uma identidade docente, generalizada e generalizante? Seria uma busca incoerente. Creio que para cada espaço, cada realidade, há várias identidades docentes, até mesmo contraditórias entre si, mas coerentes consigo mesmas. Há características identitárias básicas, como dedicação, dinamismo, criatividade, responsabilidade, envolvimento, competência técnica, etc. outras, porém, são reflexos da realidade de cada espaço. Estas sim serão as características das identidades múltiplas e possíveis, mesmo que temporárias, de acordo com Stuart Hall.

Mesmo com toda a evolução tecnológica aplicada também na educação, grande parte dos cursos on-line parece continuar fortalecendo o desenvolvimento de práticas pedagógicas instrucionistas. Esta visão de educação, instituída pelo cultural tende a prevalecer a uma visão voltada ao desenvolvimento de uma aprendizagem reflexiva, instigadora e provocadora, que busca novas formas de representação de realidade, ampliação de contextos e incentivo à cooperação na produção de conhecimentos, na aprendizagem. O que se mostra nesta pesquisa, neste grupo de alunas analisado, é que sob uma nova roupagem, as velhas identidades docentes ainda prevalecem como uma tendência desse contexto sócio-histórico-cultural. Isto talvez esteja relacionado ao fato de que as alunas, já sendo professoras em atividade, trazem consigo uma identidade docente cristalizada, fixada, pré-formada na/pela cultura, que se estende agora ao ensino

on-line. Por este fator, e levando em conta o número reduzido de sujeitos da amostra analisada, não podemos generalizar as considerações alcançadas. Em outro momento, outro contexto, como resultado de outras vivências, em outras culturas, outros resultados poderão ser detectados.

Ficam então, as questões para reflexão, cujo objetivo meu enquanto pesquisadora é problematizar para incitar uma transformação paulatina:

- 1) Que autonomia é possível ao/a professor/a na cultura da EAD, visto que carrega em si mesmo representações de uma docência onde sua liberdade é regulada pelos princípios instituídos pelo sociocultural?
- 2) Que novas identidades docentes são possíveis levando em consideração o instituído e o novo paradigma educacional?
- 3) Quais características devem ser preservadas e quais devem ser abolidas, trocadas em prol de uma nova identidade docente, condizente com um novo paradigma educacional (em construção)?

Na fala de alguns profissionais da educação, é comum ser encontrada a mensagem: “Mudando o contexto sociocultural, com a disponibilização de NTICs, muda o paradigma educacional, muda o/a professor/a, muda o/a aluno/a.” Esta idéia nos parece algo mágica, quase como uma “resposta instantânea as nossas buscas”... como se simplesmente a presença do novo fosse à solução para velhos problemas da educação...

- 4) Isto é suficiente para que a autonomia ocorra de modo “natural” no “novo” cotidiano educacional de professores/as e alunos/as?
- 5) Não seria simplificar demais a educação e menosprezar as identidades docentes e as identidades de alunos/as, contextualizadas em seus espaços histórico-temporais?
- 6) Como resolver a “velha” questão teoria/prática, levando para a sala de aula (presencial ou virtual) um novo paradigma educacional onde homens e mulheres tenham as mesmas oportunidades de desenvolvimento de seus potenciais enquanto cidadãos que são?

Creio que ainda há muito que ser pensado, repensado, discutido, pesquisado e analisado, por professores/as e toda comunidade educacional. Esta transformação, como toda transformação sociocultural é lenta e gradativa, pois envolve indivíduos, assujeitados ou nem tanto, suas conseqüentes identidades pessoais (de gênero, sexo, raça, etnia, classe,...) e profissionais, contextos e mais contextos, momento, tempo histórico, etc... embora ainda estejamos engatinhando rumo a uma melhor qualidade na educação, estamos caminhando rumo á ela. Começemos tendo um olhar mais atento as

identidades envolvidas neste processo: as identidades docentes, como participantes da formação das identidades de alunos, e de futuros cidadãos.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Lynn & BRITO, Mário. **O Ambiente Moodle como Apoio ao Ensino Presencial**. <http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/085tcc3.pdf>. Acesso em 09/02/09 às 11,28 hs.
- ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre**. Imagens e auto-imagens. Petrópolis. Vozes. 2004.
- BARRETO, Acássia Araújo. **Sentipensar, tecnologia e mídias digitais: possíveis interfaces do pensamento transdisciplinar no trabalho docente em ambiente virtual de aprendizagem**. In: MORAES, Maria Cândida de; PESCE, Lucila & BRUNO, Adriana. **Pesquisando fundamentos para novas práticas na educação on-line**. São Paulo. RG. 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio e Janeiro. Zahar. 2005.
- BRUNO, Adriana Rocha. **Mediação partilhada e interação digital: tecendo a transformação do educador em ambientes de aprendizagem on-line, pela linguagem emocional**. In: MORAES, Maria Cândida de; PESCE, Lucila & BRUNO, Adriana. **Pesquisando fundamentos para novas práticas na educação on-line**. São Paulo. RG. 2008.
- FERREIRA, Márcia Olinda. **Docentes, representações sobre relações de gênero e conseqüências sobre o cotidiano escolar**. In: SOARES, Guiomar; SILVA, Meri Rosane & RIBEIRO, Paula. (orgs). **Corpo, Gênero e Sexualidade**. Problematizando práticas educativas e culturais. Rio Grande. Edit. FURG. 2006.
- FRAGA, Daiane Azevedo de; GIRAFFA, Lúcia Maria Martins & RIGO, Ângelo Marcos. **Visão Geral do Sistema de Gerenciamento de Aprendizagem Moodle: Conceito, Funcionamento e Estrutura**. [http://www.inf.pucrs.br/~petinf/homePage/publicacoes/documentos/relatorios%20tecnico/Daiane.Fraga\\_2008-1.pdf](http://www.inf.pucrs.br/~petinf/homePage/publicacoes/documentos/relatorios%20tecnico/Daiane.Fraga_2008-1.pdf). Acesso em 09/02/09 às 11 hs.
- GARBIN, Elisabete Maria. **Cultur@s Juvenis, Identid@ e Internet: questões atuais**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n.23, 2003. [http://www.scielo.br/scielo-php?script=sci\\_arttex&pid=s1413-247820030002000097ing=pt&nrm=isso](http://www.scielo.br/scielo-php?script=sci_arttex&pid=s1413-247820030002000097ing=pt&nrm=isso). Acesso em 15/09/07 às 15 hs.

- HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro. DP&A. 2006
- HEBERLE, Viviane. **Gêneros e Identidades no Ciberespaço**. In: FUNCK, Suzana Bornéo & WIDHOLZER, Nara (org). **Gênero em discursos da Mídia**. Santa Cruz do Sul. Mulheres. 2005.
- KARSENTI, Thierry. **Impacto das Tics (tecnologias de informação e comunicação) sobre a atitude, a motivação e a mudança nas práticas pedagógica dos futuros professores**. In: TARDIF, Maurice & LESSARD, Claude. **O ofício de professor**. História, perspectivas e desafios internacionais. Petrópolis. Vozes. 2008.
- KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e Ensino Presencial e a Distância**. Campinas. Papyrus. 2ª Ed. 2004.
- KULISZ, Beatriz. **Professoras em cena**. O que faz a diferença. Cadernos de educação infantil. Porto Alegre. Mediação. 2006.
- LEGOINHA, Paulo; PAIS, João & FERNANDES, João. **O Moodle e as comunidades virtuais de aprendizagem**.  
<http://www.dct.fct.unl.pt/PLegoinha/CNGMood.pdf>. Acesso em 09/02/09 às 11, 20hs.
- LELIS, Isabel. **A construção social da profissão docente no Brasil: uma rede de histórias**. In: TARDIF, Maurice & LESSARD, Claude. **O ofício de professor**. História, perspectivas e desafios internacionais. Petrópolis. Vozes. 2008.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo. 34. 6ª Ed. 2007.
- LEMOS, André. **Cibercultura, Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea**. Porto Alegre. Sulina. 3ª Ed. 2007.
- LIMA, Maria de Fátima & TAROUÇO, Liane Margarida. **A Utilização de Grupos em Ambientes Digitais / Virtuais**. In: VALENTINI, Carla & SOARES, Eliana (org). **Aprendizagem em Ambientes Virtuais: compartilhando idéias construindo cenários**. Caxias do Sul. Educ. 2005.
- LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Religião e educação na formação das professoras de mulheres: as filhas da Caridade de São Vicente de Paulo: servas de pobres e doentes, mães espirituais, professoras**. In: AUAD, Sylvia Maria

(org.) **Mulher: cinco séculos de desenvolvimento na América** capítulo Brasil. Belo Horizonte. Centro Universitário Newton Paiva. 1999.

- LOURO, Guacira Lopes. **Corpo, Escola e Identidade**. In: Educação e Realidade. Porto Alegre. v.25. n.2. p.59-75. jul/dez2000.
- \_\_\_\_\_ **Gênero, Sexualidade e Educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis. Vozes. 2003.
- MEC. PROGRAMA DE FORMAÇÃO INICIAL PARA PROFESSORES EM EXERCÍCIO NO ENSINO FUNDAMENTAL E NO ENSINO MÉDIO. Pró – Licenciatura.  
[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12349:pro-licenciatura](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12349:pro-licenciatura). Acesso em 03/06/09 às 18,40 hs.
- MORAES, Maria Cândida. **Tecendo a rede, mas com que paradigma?** In: **Educação à distância**. Fundamentos e Práticas. Campinas. Emopi. 2002.
- NETO, Carla. **Interatividade em Ambientes Virtuais de Aprendizagem**. In: FARIA, Elaine Truck (org). **Educação Presencial e Virtual: espaços complementares essenciais na escola e na empresa**. Porto Alegre. EdiPucRs. 2006.
- PALLOF, Rena & PRATT, Keith. **Construindo Comunidades de Aprendizagem no Ciberespaço**. Estratégias eficientes para salas de aula on-line. Porto Alegre. Artmed. 2002.
- PASSOS, Carmensita Matos Braga. **Identidade docente na universidade: um processo em construção**.  
<http://www.ufpi.br/mestedu/eventos/iiencontro/GT-12/GT-12-05.htm>. Acesso em 03/06/ 09 às 15, 30 min.
- PRADO, Maria Elisabette Brisola & VALENTE, José Armando. **A educação à distância possibilitando a formação do professor com base no ciclo da prática pedagógica**. In: MORAES, Maria Cândida de. (org) **Educação à distância**. Fundamentos e práticas. Campinas. Nead. 2002.
- SCHEMMER, Eliane. **Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA): uma proposta para a sociedade em rede na cultura da aprendizagem**. In: VALENTINI, Carla & SOARES, Eliana (org). **Aprendizagem em Ambientes Virtuais: compartilhando idéias construindo cenários**. Caxias do Sul. Educs. 2005.

- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade**. Uma introdução as teorias do currículo. Belo Horizonte. Autêntica. 2007.
- \_\_\_\_\_ **Identidade e diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis. RJ. Vozes. 2007.
- \_\_\_\_\_ **O currículo como fetiche**. A poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte. Autêntica. 2006
- \_\_\_\_\_ **Teoria cultural e educação**. Um vocabulário crítico. Belo Horizonte. Autêntica. 2000.
- VALLE, Ione Ribeiro. **Da “identidade vocacional” a “identidade profissional”**: a constituição de um corpo docente unificado.  
[http://www.perspectiva.ufsc.br/perspectiva\\_2002\\_especial/12\\_valle.pdf](http://www.perspectiva.ufsc.br/perspectiva_2002_especial/12_valle.pdf).  
Acesso em 03/06/09 às 15,36 min.
- VASCONCELOS, Fábio & ANDRADE, Maria Celeste de Moura. **A mulher professora**: gênero e constituição de identidade docente.  
<http://www.anped.org.br/reunioes/27/ge23/t234.pdf>. Acesso em 03/06/09 às 15, 25 min.

ANEXOS

## 6.1 IMAGENS DO AVA

### 1. PÁGINA INICIAL DO CURSO – LICENCIATURA EM MÚSICA EAD

The screenshot shows a Mozilla Firefox browser window displaying the website for the Pro-Licenciatura em Música EAD course. The URL is <http://www.prolicenmus.ufrgs.br/>. The page features a navigation menu on the left with items like 'Página Inicial', 'Apresentação', 'Documentação Legal', 'Proposta Pedagógica', 'Pólos', 'Alunos', 'Equipe', 'Moodle', 'Contatos', 'Links', and 'Notícias'. The main content area includes an 'EDITORIAL DE JUNHO' section with text about the course's progress and a 'Vídeo Institucional' player showing a video from the 'Ministério da Educação'.

### 2. PÁGINA DE ABERTURA DO MOODLE - UFRGS

The screenshot shows the Moodle login page for UFRGS. The browser window title is 'Moodle - Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Acesso ao site - Windows Internet Explorer'. The URL is <https://moodleinstitucional.ufrgs.br/login/index.php>. The page features a header with the UFRGS logo and 'EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA'. Below the header, there are two main sections: 'Retornando a este site?' and 'Esta é a sua primeira vez aqui?'. The 'Retornando a este site?' section contains a login form with fields for 'Código de usuário' and 'Senha', and an 'Acesso' button. The 'Esta é a sua primeira vez aqui?' section includes a 'Atenção Professor' warning box and a 'Tutorial + FAQ ?' button.

### 3. PAGINA INICIAL DA DISCIPLINA ESPETÁCULOS ESCOLARES A

The screenshot shows the Moodle course page for 'Espetáculos Escolares A' (MUSAD002 - A) on the UFRGS platform. The page is viewed in Mozilla Firefox. The header includes the UFRGS logo and the text 'EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA'. The user is logged in as 'Ligia Maria Sayão Lobato Coppetti'. The main content area is titled 'Programação' and contains a table with one entry: '1' under the 'Temas Livres' category. The left sidebar contains navigation menus for 'Atividades', 'Administração', and 'Meus cursos'. The right sidebar includes a calendar for June 2008, event selection options, and participant lists.

### 4. PÁGINA INICIAL DOS FÓRUNS DA DISCIPLINA

The screenshot shows the Moodle forum page for 'Espetáculos Escolares A' (MUSAD002 - A) on the UFRGS platform. The page is viewed in Mozilla Firefox. The header includes the UFRGS logo and the text 'EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA'. The user is logged in as 'Ligia Maria Sayão Lobato Coppetti'. The main content area is titled 'Fóruns gerais' and contains a table with one entry: 'Temas Livres' with 46 topics. Below this, there is a section for 'Fóruns para atividades de aprendizagem' with a table containing one entry: 'Espetáculos Escolares na minha Escola' with 107 topics. The table for 'Fóruns para atividades de aprendizagem' has the following data:

Seção	Fórum	Descrição	Tópicos	Assinante
1	Espetáculos Escolares na minha Escola	<b>AVAL @</b> <b>Avaliação do dia 08.05.08</b> Parabéns aos diversos colegas que já postaram suas contribuições! Calma e persistência aos que ainda não conseguiram fazê-lo! Com relação às respostas encaminhadas, observe-se que várias	107	Não

## 6. 2 SELEÇÃO DE FALAS

MOODLE - LICENCIATURA EM MÚSICA – modalidade EAD

**Disciplina:**  
**Espetáculos Escolares A**

**Fórum:**

1) Fóruns gerais:

Temas Livres

Descrição:

Apresente sugestões de temas que, mesmo sendo importantes, estão fora dos temas restritos das Unidades de Estudo.

2) Fóruns para atividades de aprendizagem:

**Seção 1:**

**Fórum: Espetáculos Escolares na minha Escola**

Avaliação do dia 08.05.08

Parabéns aos diversos colegas que já postaram suas contribuições!

Calma e persistência aos que ainda não conseguiram fazê-lo!

Com relação às respostas encaminhadas, observou-se que vários de vocês procuraram justificar a importância dos espetáculos escolares, o que, de fato é extremamente relevante. No entanto, recomenda-se também uma maior atenção aos tópicos sugeridos (pequenas perguntas ao final do proposição de debate).

Também ainda é pequena a reação dos colegas às contribuições de cada um dos demais. Sugere-se, assim, que todos leiam as idéias de todos, debatendo sobre elas. O espaço de *Comentário* deve servir às discussões entre os integrantes da turma, pois os professores sempre colocam seus comentários neste espaço de *Atualização da Tarefa!*

**Proposição**

**inicial**

No espaço escolar, muitas atividades consideradas apresentações artísticas, aqui chamadas espetáculos escolares, vem sendo realizadas. Reflita sobre isso, produzindo um pequeno texto de até cinco linhas, sobre os espetáculos realizados na escola onde você trabalha. Disponibilize suas idéias neste fórum de discussões, e comente as contribuições de seus colegas. Apenas com o intuito de orientá-lo, são enumeradas algumas questões, que não precisarão ser respondidas diretamente.

Como os espetáculos escolares acontecem na escola em que você atua, e como eles se configuram?

Quais são as atividades presentes nestes momentos?

Como e por quem são elaboradas?

Quais as disciplinas do contexto universitário que vocês identifica presentes e quais os conteúdos e conhecimentos envolvidos neles?

Você não tem permissão para abrir um novo tópico de discussão para todos os participantes.

### Respostas dos alunos:

1) (ai) Tenho a felicidade de trabalhar numa escola que faz um festival de talento por ano. Geralmente os alunos se preparam sozinhos, mas às vezes alguns colegas têm trabalhos para apresentar. Penso que poderíamos fazer um projeto e num mesmo espetáculo incluir várias disciplinas, isso é assunto para logo, logo. Há também casos de professores que se apresentam que bem legal, pois isso nos humaniza perante os educandos e os colegas. Nessas apresentações há bastante variedade desde dança do momento na TV, paródia, canto, dança, coral, dramatização e exposições artísticas.

s/comentário.

2) (ai) Olá, pessoal! O que penso a princípio dos espetáculos escolares é a seguinte: ainda bem que eles existem. Uns não são tão teóricos assim, mas a alegria que as pessoas sentem ao assistir ou apresentar já vale a pena. Muitos são sementes para que algumas pessoas se interessem um pouco mais pelas mais diversas formas de arte. Temos que qualificá-lo sem tirar o prazer das pessoas participarem deles seja pelo motivo que for; por reproduzir o que os meios de comunicação impõem ou sendo pela inovação que podem trazer. Bacio.

s/comentário.

3) (am) Na escola em que trabalho os Espetáculos Escolares são organizados pelas professoras de séries paralelas. As professoras envolvidas nos projetos fazem os ensaios com seus alunos. Os professores juntamente com algumas mães confeccionam roupas com as quais os alunos representam os personagens. Como exemplo acontecido a pouco, houve apresentação do Sítio do Picapau Amarelo homenageando assim o escritor Monteiro Lobato.

s/comentário.

4) (Ca) Organizamos nossos espetáculos de acordo com o Projeto desenvolvido, aprovado e é executado por todos os professores da Escola. Mesmo com poucos recursos nunca falta criatividade, parceria e muito jogo de cintura, mas no final tudo fica bem lindo, Ah! O centro da nossa escola é o palco!

s/comentário.

5) (cm) Em minha escola sempre acontece apresentações referentes a datas comemorativas ( dia do índio, mães, hinos, etc) e projetos. Essas apresentações são: jograis, teatros, canções, dança. Acho que todas podem ser consideradas como espetáculos.

Resposta: (outra turma)

Cara colega,

O que me chamou atenção na sua fala foi a fato de que você tenha dito tais atividades podem ser consideradas espetáculos escolares (a não estou aqui discordando de você), e sei que tal afirmação foi devida a alguma das proposições iniciais do fórum.

Acho interessante analisarmos que, embora muitos professores dêem verdadeiros espetáculos numa simples aula de gramática, muitas vezes alguns eventos não alcançam as expectativas iniciais dos professores que os organizaram.

Seria então pra alguns de nós o caso de nos perguntarmos se os eventos "extra-normais" e apresentações que realizamos em nossas escolas são realmente espetaculares, e, se não o são, procurar se identificar onde estão as falhas e acertos para fazermos uma escola cada vez mais artística e cada vez mais musical.

6) (vk) Na escola em que trabalho,na maioria das vezes realizamos espetáculos escolares,principalmente nas datas comemorativas,nas finalizações dos projetos desenvolvidos pela escola.Muitas vezes trabalhamos com:apresentação de Talentos(dança,canto,teatro),coral da escola,pesquisas e trabalhos realizados em virtude do tema em que se está trabalhando na escola.Estas atividades são elaboradas pela equipe de professores responsáveis pelo projeto em desenvolvimento.Buscamos evidenciar a influência das culturas locais que são trazidas pelos alunos para o contexto da escola.

s/comentário.

7) (do) No ano de 2007, na escola onde realizei o estágio, solicitei aos alunos que confeccionassem uma maquete do bairro onde moravam.Foi um trabalho executado com criatividade, entusiasmo e colaboração. Posteriormente foi realizada uma exposição para a comunidade escolar, os alunos ficaram orgulhosos, pois foram muito elogiados por todos. Foi um sucesso!!!

s/comentário.

8) (ic) Na escola que atuo trabalhamos com projetos onde nas datas comemorativas, sempre apresentamos atividades como teatro, danças, coral , oficinas, etc que são elaboradas por professores e realizadas com alunos, onde pais e a comunidade participam. A relação das disciplinas estão presentes em todos os momentos desde o teatro aonde usamos a matemática, a linguagem, a história, etc. Esta integração desenvolvem a socialização e o conhecimento.

s/comentário.

9) (rm) NA MINHA ESCOLA OS ESPETÁCULOS ACONTECEM NAS DATAS COMEMORATIVAS E OS PROFESSORES DECIDEM EM CONJUNTO (E COM CONSULTA AOS ALUNOS) SOBRE A PARTICIPAÇÃO DELES SE EM GRANDES OU PEQUENOS GRUPOS.

AS APRESENTAÇÕES ACONTECEM PARA TODA A COMUNIDADE ESCOLAR E TAMBÉM PARA A INTEGRAÇÃO INTER-SÉRIES.

ESSES ACONTECIMENTOS SÃO IMPORTANTES PARA OS ALUNOS POIS TRABALHA AUTO-ESTIMA E APRIMORA A SUA APRENDIZAGEM.

GERALMENTE ENVOLVEM CANTO-CORAL, DANÇA, JOGAL, OFICINAS, ETC.

s/comentário.

10 (do) Os espetáculos favorecem o crescimento dos alunos, em ambas as direções. Propõe a criatividade e a imaginação através dos eventos realizados.

Resposta: (outra turma)

Estou apresentando uma peça teatral com fantoches sobre HIGIÊNE CORPORAL, TRANSITO, DROGAS, DENGUE E EDUCAÇÃO AMBIENTAL. Estou contente pelos resultados obtidos, tanto pelos convites recebidos das escolas locais, bem como de outros municípios. Os alunos desde pré escola até a 4ª série do Ensino Fundamental, estão interagindo em todas as apresentações e assim estamos obtendo um aprendizado coletivo, o que traz uma grande realização profissional.

### **Seção 9:**

#### **Fórum: Festivais como espaço de revelação de talentos**

Conforme podemos perceber na discussão dos fóruns, o emprego dos termos *Dom* e *Talento* ainda está confuso. Realmente, são palavras bastante utilizadas, nos mais diferentes âmbitos; no entanto, de difícil compreensão, principalmente diante dos muitos ...

Avaliação 09 julho 2008

Conforme podemos perceber na discussão dos fóruns, o emprego dos termos *Dom* e *Talento* ainda está confuso. Realmente, são palavras bastante utilizadas, nos mais diferentes âmbitos; no entanto, de difícil compreensão, principalmente diante dos muitos preconceitos que as cercam. Na escrita acadêmica, onde estamos inseridos no momento, devemos ter claro para nós mesmos, que significados cada termo tem e, ao utilizá-lo, sinalizar ao nosso leitor qual é este entendimento do qual compartilhamos. Assim, o leitor terá condições de compreender o texto lido de forma mais próxima ao contexto e aos propósitos com os quais nossa opinião foi escrita. No entanto, não nos basta afirmar idéias com base no “eu penso assim e pronto”; é preciso buscar referências confiáveis e consistentes, por intermédio das quais daremos suporte a nossas posições pessoais.

Um dos colegas tomou uma iniciativa louvável: foi em busca de uma resposta e nos trouxe alguns significados encontrados em dicionários:

Dom significa: *donativo, dádiva, presente, dote natural, poder, privilégio.*

Talento significa: *aptidão invulgar (raro, incomum, original); habilidade, engenho, inteligência.*

Segundo tais definições, dom seria uma qualidade inata, pertencendo ao ser humano sem que resulte de qualquer aprendizagem ou experimentação efetuada após o nascimento. Já o talento poderia ser uma qualidade adquirida, envolvendo esforço. A primeira pergunta que se apresenta é: tratam-se de faculdades excludentes?!

Sendo assim, levantar a discussão sobre estes termos, neste curso, tem um duplo objetivo. Primeiro, nos fazer refletir sobre o uso superficial de termos do senso comum, que, na verdade, carregam grandes cargas de significados velados; segundo, nos levar a pensar sobre a existência ou não de diferenças de musicalidade entre as pessoas, que poderiam justificar eventual superioridade de umas sobre as outras. Por isso, procurem encontrar autores que estudaram sobre a existência ou não de eventual talento ou dom, em Música e/ou outras áreas. Resumam suas premissas e conclusões, citem seus estudos. Discutam a partir destas pesquisas. Por fim, façam suas próprias escolhas, devidamente justificadas.

Alguns se manifestam dizendo que “muitos talentos estão por aí, sem reconhecimento”. Esta é outra questão levantada, o reconhecimento. Se entendermos talento com uma habilidade adquirida pelo esforço, transformada em profissão, deve ser exercida e remunerada. Mas, para isso, tem que ser útil! Logo, de que tipo de reconhecimento estamos falando?! Além disso, se estivermos nos referindo a algum dom... Pergunta-se: será que o verdadeiro dom requer reconhecimento ou paga? Acaso os grandes artistas e gênios, os que efetivamente contribuíram com a humanidade, tiveram seus méritos reconhecidos em seu próprio tempo? E será que alguma condição especial e recebida sem esforço próprio (já que o dom é inato), é algo que deva ser louvado? Se o recebeu de graça, não será de graça que deverá contribuir com ele?! Isso porque, afinal, esperar reconhecimento nada mais é do que esperar ser “remunerado com elogios”, o que só alimenta o ego.

Mais uma postagem se refere aos festivais.

*“Na escola, esse tipo de festival pode atrapalhar o ensino da nossa matéria. Deveria ser direcionado a todos os alunos e não aos supostamente talentosos.*

*Quem vai dizer que algum aluno tem talento ou não? Um festival? Quem julgará? Será realmente justo? Eu acho que esse tipo de conclusão não acontece da noite para o dia, com a realização de um festival; mas sim, com o acompanhamento e dedicação de ambas as partes, tanto do aluno, como do professor.”*

Portanto, cuidado! O julgamento por ter ou não talento ou dom implica sempre ações que devem ser realizadas com cuidado, pois tanto no dito “possuidor de um dom”, quanto ao outro, diversas expectativas são criadas, afetando sua auto-imagem e suas possibilidades de aprender.

Por fim, foram enfocados aqui assuntos que efetivamente foram discutidos nos fóruns; mas ainda percebemos que muitos optaram por criar tópicos individuais. Isso precisa ser evitado, uma vez que a proposta de fórum é que haja discussão entre os participantes e, a partir desta, os conhecimentos sejam constituídos. Sendo assim, a partir de agora, somente serão avaliadas contribuições sobre contribuições já postadas. Em comparação aos primeiros fóruns, percebemos a mudança, pois muitos já interagem com mais familiaridade pelo nosso espaço. No entanto, isso ainda deve melhorar. Solicitamos que,

nos próximos espaços de fórum, as discussões partam de postagens já existentes. Abrir um tópico novo, quando for realmente relevante, servirá apenas como elemento motivador; porém, não mais será considerado como tarefa entregue.

#### Fórum 1 – Festivais como espaço de revelação de talentos

(ouvir áudio) - Escute as entrevistas de Toquinho e Djavan, em [www.festivaisdobrasil.net/entrevistas](http://www.festivaisdobrasil.net/entrevistas). Após, discuta com seus colegas sobre as questões abaixo:

Um dos propósitos dos chamados “grandes festivais” seria, mesmo, o de revelar talentos? O que significa “ter talento ou dom musical”? Você considera que, realmente, possa alguém ter talento, e outros não?

Você não tem permissão para abrir um novo tópico de discussão para todos os participantes.

#### Respostas dos alunos:

1) (ai) ???VALORIZAR O DOM E EXPLORAR O TALENTO??? [Companheir@s](#) é sempre bom ouvir o Toquinho e sua sabida lucidez, quando fala dos festivais e do talento. Surpresa foi de saber do festival pela internet e ainda patrocinado pela IBM. Quanto ao Djavan não pude ouvi-lo

s/ comentários

2) (ic)  [DANCA DAS MENINAS SURDAS MUDAS-CHINESAS.htm](#) Estas meninas chinesas, surdas mudas, tem muito talento e habilidades ...

s/ comentários

3) (ic ) A teoria de inteligências múltiplas de Howard Gardner é uma alternativa . Como uma capacidade inata, geral e única tem habilidades sem que outras sejam sequer atingidas por estas atividades. Isto é talento, talento musical e quando tem chances e sabem aproveitar oportunidades, como os festivais, que é exemplo de revelação de grandes talentos. Aqui no Rio Grande do Sul continuam acontecendo muitos festivais. Muitos talentos nascem nos festivais. Assistam no You Tube Chinesinha adorável tocando "Tico-tico no fubá" ao teclado é talento e muito talento..., nasceu com ela.

Resposta 1: (outra turma)

Concordo com você cara colega em alguns itens quando você se refere ao escritor citado na sua postagem. Com certeza o talento só vem a surgir quando se atingi e desenvolve com clareza pelo menos uma das sete inteligência que o ser humano pode ter.

Resposta 2: (outra turma)

Cara,

discordo de você e discordo também do Howard. Sua teoria foi muito importante, é, e será por muito tempo, mas, epistemologicamente, é válida? Qualquer dia escreverei sobre isso, pois creio que as sete inteligências podem até existir, mas não são um ponto de partida, tampouco de chegada para ninguém. Podem sim se fundir e se interinfluenciar, através de sensíveis condicionamentos, intencionais ou não. O que há no ser humano (já falei a respeito em outro fórum) é uma acomodação onde o sujeito busca em geral o que lhe parece mais fácil, mas não por ter tal ou qual inteligência mais desenvolvida, mas por comodidades e fatores pessoais. Assim, das duas uma: ou devemos encarar a inteligência como íntegra, e, assim, desenvolvê-la como um todo (e esta opção não exclui a possibilidade da teoria do Howard, muito pelo contrário); ou então, desenvolvê-las de forma individual, arriscando a perder capacidades que são interinfluenciais por si mesmas, levando o sujeito a um egoísmo psicológico tão característico do tal acomodamento de que falei. Não estou com isso defendendo o Feuerstein, só afirmo que devemos trabalhar justamente no que mais temos dificuldade. Nos evangelhos, Cristo confirma. Muitas vezes, aptidões momentâneas são confundidas com talento e certas conformações físicas provam isso. Como exemplo, vejam (clicando sobre o link na palavra) o primeiro vídeo da Plava Laguna (?) (5th Element), onde há uma notória habilidade exercitada. No segundo vídeo, é notável o que falei da conformação. Há alunos que nascem com conformações (psicológicas? inteligências? tendências?) e que por motivos seus não as seguem. Música é ou deveria ser realmente universal. Praticar música é uma necessidade humana, como respirar, visto que nascemos com habilidades próprias à expressão e à vida em comunidade. As comunidades fechadas isolam talentos, e nem todos os talentos entram em festivais.

4) (Cr)Acredito que talento muitos têm, poucos desenvolvem, até por uma questão cultural brasileira. Vivemos em um país em que se idolatra muito as pessoas sem talento algum, que surgem na mídia, que manipula a informação. Nossa sociedade precisa de cultura e oportunidade, talento se cria, se desenvolve. É só pegar o ex. de crianças da favela que aprendem a tocar violino( instrumento considerado de elite) e se tornam grandes músicos. É isso, o povo precisa de pão e circo, é dar a rede e ensinar a pescar, o resto é consequência.

Resposta: (outra turma)

Da mesma forma acredito que é preciso haver ainda mais incentivo para que novos talentos apareçam.

**Seção 14:**

**Fórum: Festas Religiosas e Identidade Cultural**

Discuta com seus colegas, no fórum *Festas Religiosas e Identidade Cultural*, a relação entre os conceitos de *espetáculo* utilizado por Debord (1997) e apresentado na Unidade de Estudos 3, assim como os conceitos de *feira religiosa* (conforme resumido por AMARAL, 2008) e *identidade cultural* (conforme resumido por ROSA, 2008). Para inspirá-lo, pense no exemplo desta festa religiosa: Comercial do Espetáculo de Nova Jerusalém em Pernambuco. Disponível em <http://br.youtube.com/watch?v=4Qut2MdRgoQ&feature=related>. Acesso em 29 jul 2008.

Você não tem permissão para abrir um novo tópico de discussão para todos os participantes.

### Respostas dos alunos:

- 1) (ai) As religiões que me perdoem, mas as nossas festas são pagãs! Fico pensando nas festas e nos festivais que conhecemos e/ou praticamos e percebo como somos *pag@s*, pois conseguimos profanar não só as religiões, mas o próprio paganismo dando a ele essa roupagem customizada de festa religiosa. Se nos primórdios já era uma espetáculo as festas pagãs, imaginem agora com todos os recursos que a comunicação nos oferece. As deusas e os deuses me eterno agradecimento por nos ensinarem a desfrutar do prazer de viver através das festas pagãs ou religiosas pouco importa o que importa é que é uma festa que pode ser por exemplo: As olimpíadas que é uma festa planetária, a copa, a Páscoa, as estações do ano...

s/comentário

- 2)(vk) Pensando no conceito de espetáculo:...contemplação,...representação, podemos dizer que as festas religiosas, são um misto destas coisas. Representamos sempre na mesma época, com muita fé, a data a ser comemorada, e também contemplamos e participamos da bonita festa que ocorre no dia 02 de fevereiro aqui em POA RS, a procissão, tanto nas ruas da capital, como no: rio, lago, lacustre, estuário (além de tudo isto)...maravilhoso Guaíba. A festa é muito bonita, e acaba atraindo pessoas de todas as religiões.

s/comentário

Obs: As falas foram preservadas conforme postadas pelas alunas no Fórum do Moodle do curso de Licenciatura em Música – EAD – UFRGS. Não houve correção ortográfica.

### 6. 3 TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro pelo presente consentimento, que fui informado sobre os objetivos do acompanhamento a ser feito no Ambiente de Aprendizagem - Moodle, das discussões em seu fórum, junto aos aluno/tutor/professor do curso de Licenciatura em Música, da UFRGS, Modalidade Educação a Distância – em disciplinas que ocorreram no período de abril a agosto do presente ano, em uma única turma – no caso, turma A da cidade de Cachoeirinha/RS. Serão realizadas observação e coleta de dados, sem quaisquer interferências, ou modificações de dados. O presente estudo objetiva o desenvolvimento de monografia do Curso de Especialização em Educação, Sexualidade e Relações de Gênero - grupo Geerge - UFRGS. Quanto às falas que transcorreram durante o período letivo, no Ambiente de Aprendizagem, Moodle, não haverá quaisquer indicações de autoria em nenhum caso. Será referida levando em conta apenas o gênero (homem/mulher, aluno/aluna, professor/professora, tutor/ tutora) do emissor e do receptor. Este material servirá de apoio para discussão teórica posterior, cujo tema central é a Formação de Identidades de Gênero no Ambiente de Aprendizagem - Moodle.

Estou ciente de que participarei deste estudo sem qualquer dúvida quanto ao desenvolvimento e objetivos da pesquisadora, tendo total liberdade de obter esclarecimentos quando julgar necessário, junto à mesma e/ou com a orientadora.

Estou informado de que não serei identificado e de que será mantido o sigilo sobre a autoria das discussões registradas no Ambiente em respeito à minha privacidade, não havendo necessidade de dar nenhum tipo de informação sobre as falas. Assim, declaro que concordo em participar do estudo.

A pesquisadora responsável por esta pesquisa é a psicóloga Ligia Maria Sayão Lobato de Coppetti, que poderá ser contatada pelo telefone (51) 9216.7924, estando à orientação do projeto a cargo da professora psicóloga Rosângela Rodrigues Soares, que poderá ser contatada pelo telefone (51) 8417.2081.

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Como Coordenadora da equipe do curso de Licenciatura de Música a Distância, da UFRGS, Dra. Helena de Souza Nunes, declaro que estou ciente do presente estudo proposto e, que estou de acordo com o seu desenvolvimento junto ao fórum do Ambiente de Aprendizagem – Moodle, na cidade de Cachoeirinha, turma A, conforme acima descrito.

Reservo-me ao direito em qualquer momento de solicitar dados da coleta e/ou quaisquer informações que julgar necessário

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_